

**UFF – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
IHS – INSTITUTO DE HUMANIDADES E SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA - RIO DAS OSTRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**HELENA DOS ANJOS SANTOS**

**IDENTIDADE FEMININA – UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DE UMA  
COMPOSIÇÃO HISTÓRICA E RELIGIOSA**

**Rio das Ostras  
2016**

**UNIVERSIDADE  
FEDERAL  
FLUMINENSE**

UFF – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
IHS – INSTITUTO DE HUMANIDADES E SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA - RIO DAS OSTRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

HELENA DOS ANJOS SANTOS

**IDENTIDADE FEMININA – UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DE UMA  
COMPOSIÇÃO HISTÓRICA E RELIGIOSA**

RIO DAS OSTRAS  
2016

UFF – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
IHS – INSTITUTO DE HUMANIDADES E SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA - RIO DAS OSTRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

HELENA DOS ANJOS SANTOS

**IDENTIDADE FEMININA – UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DE UMA  
COMPOSIÇÃO HISTÓRICA E RELIGIOSA**

Trabalho de conclusão de curso,  
apresentado ao Departamento de  
Psicologia da Universidade Federal  
Fluminense – Campus Rio das Ostras,  
como requisito parcial para obtenção  
do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador:  
Prof. Dr. Marcelo Abreu Maciel

**HELENA DOS ANJOS SANTOS**

**IDENTIDADE FEMININA – UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DE UMA  
COMPOSIÇÃO HISTÓRICA E RELIGIOSA**

Trabalho de conclusão de curso,  
apresentado ao Departamento de  
Psicologia da Universidade Federal  
Fluminense – Campus Rio das Ostras,  
como requisito parcial para obtenção  
do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Marcelo Abreu (Orientador) - UFF

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alessandra Daflon dos Santos - UFF

---

Prof. Dr. Márcio Luiz Miotto - UFF

Quero ser pessoa.  
Nem homem nem mulher.  
Minha genitália não me define,  
Apenas exterioriza uma possibilidade.  
A minha escolha de gênero também não me define.  
A minha percepção diante da vida,  
Isso sim, me define e pode garantir meu sucesso,  
Ou não, diante das circunstâncias que se apresentam.  
Não preciso ser homem ou mulher,  
Do gênero masculino ou do feminino.  
Ser o que puder, quiser ou conseguir,  
Ser de acordo com o momento  
E as situações que tenha que enfrentar.  
O que preciso é permitir-me  
Estar por inteira no que me proponho ser.

Helena dos Anjos Santos

## AGRADECIMENTOS

Acima de tudo agradeço a um Poder Superior, que na falta de outro nome chamo-o de Deus. Poder este, sempre presente em minha vida, representado no sol, quando aquece minha pele e penetra minha alma, no vento que sussurra aos meus ouvidos, e na natureza que me presenteia com cores e formas, numa brincadeira de artista, dando-me forças para continuar avançando a cada dia.

A seguir agradeço ao meu orientador, o Professor Marcelo Abreu, do qual não encontro palavras para traduzir o seu empenho, pressionando-me com um carinho tão especial, para que apresentasse em tempo, os capítulos solicitados. Suas instruções vinham sempre acompanhadas de muito incentivo que me motivavam a produzir, compartilhando seus conhecimentos com uma sabedoria que lhe é peculiar, e tímida, em proporção ao que sei existir na sua trajetória. Não poderia ter escolhido melhor. Muito lhe agradeço a paciência, atenção e dedicação.

Agradeço aos meus filhos e marido, que mesmo não compreendendo, porque uma mãe quer estudar tanto, apoiaram tamanho esforço.

Registro um agradecimento especial a minha filha Nínive pelas vezes que participou de minhas dificuldades, estudando juntas, e até pelas vezes que parecia minha mãe cobrando algumas decisões que eu deveria tomar.

A todos os professores que me fizeram compreender e aprender o verdadeiro sentido do estudo e da carreira que quero abraçar.

Dedico um agradecimento à Professora Alessandra Daflon, uma amiga de todas as horas, mestra dedicada e acessível, que nos surpreende a cada momento respirando inovações, e também, ao Professor Márcio Miotto, que com sua seriedade e vitalidade, nos contagia na busca de novos conhecimentos. Fiquei muito feliz por aceitarem com tanta boa vontade, fazerem parte de minha banca.

Por fim, fica um agradecimento aos meus colegas de faculdade que participaram direta ou indiretamente da minha formação. Sou grata também, aos amigos que torceram por mim.

A todas as mulheres que pagaram, com a própria vida, a ousadia de pensar outros caminhos que não fossem a submissão.

Àquelas que tiveram a coragem de expressar o que sentiam e que não se limitaram a aceitar a imposição do masculino sobre o feminino.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar como se deu a construção da identidade feminina, sob a influência histórica e religiosa que tentam moldar, ainda hoje, a mulher para atender aos padrões e caprichos masculinos. Serão apresentadas as repercussões sociais da sujeição da mulher, analisada a partir da pré-história até os dias atuais, relatando todo o tipo de opressão pela qual as mulheres passaram no decorrer do tempo. A luta daquelas que nunca se conformaram com o lugar que lhes era destinado e foram à luta para ver seus direitos reconhecidos. Um breve estudo sobre a visão da Psicologia, através de algumas correntes que buscaram entender a mulher por ela própria. Algumas mulheres são citadas, como exemplos de força e determinação, que são lembradas pelo grande legado que deixaram para as gerações futuras, fazendo a diferença para a conquista da liberdade, valorização e garantia dos direitos exercidos pelas mulheres de hoje. As características dos movimentos feministas no mundo e no Brasil e a reação masculina a partir da emancipação feminina.

Palavras-chave: mulher, direitos, opressão, liberdade, historia, religião

## **ABSTRACT**

The present work has as objective to present how the construction of the feminine identity, under the historical and religious influence that tries to mold, still today, the woman to meet the masculine standards and whims. The social repercussions of the subjection of the woman analyzed from prehistory to the present day will be presented, reporting all sorts of oppression by which women have passed through time. The struggle of those who never conformed to the place that was destined to them and struggled to see their rights recognized. A brief study on Psychology point of view, through some currents that sought to understand the woman on her own. Some women are cited, as examples of strength and determination, who are remembered for the great legacy they have left for future generations, making the difference to the achievement of freedom, appreciation and guarantee of the rights exercised by women today. The characteristics of the feminist movements in the world and in Brazil and the masculine reaction from the feminine emancipation.

Keywords: woman, rights, oppression, freedom, history, religion.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO .....  | 11 |
| Capítulo I - A MULHER NO CONTEXTO HISTÓRICO E RELIGIOSO .....     | 14 |
| 1.1. Do Matricentrismo à Submissão Relativa .....                 | 14 |
| 1.2. A Impureza da Mulher como Justificativa para a Sujeição..... | 17 |
| 1.3. A Mulher nas Religiões Orientais.....                        | 20 |
| 1.4. O Matriarcado Africano na Religiosidade .....                | 22 |
| 1.5. A Mulher e as Transformações a partir do Século XVI.....     | 23 |
| Capítulo II – A PSIQUE FEMININA E SEUS DESDOBRAMENTOS .....       | 27 |
| 2.1. Freud e as Diferenças Biológicas entre os Sexos .....        | 29 |
| 2.2. Adler e a Atitude Cultural para o Feminino .....             | 31 |
| 2.3. A Mulher na Visão Junguiana .....                            | 32 |
| 2.4. Reich e a Libertação da Mulher na Sexualidade .....          | 34 |
| 2.5. O Masoquismo de Helene Deutsch e a Visão de Lacan .....      | 35 |
| Capitulo III – A LUTA PELOS DIREITOS DA MULHER.....               | 38 |
| 3.1. Mulheres Além do seu Tempo.....                              | 39 |
| 3.2. Os Movimentos Feministas .....                               | 43 |
| 3.3. O Feminismo no Brasil.....                                   | 46 |
| 3.4. A Reação Masculina às Conquistas Femininas.....              | 50 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 53 |
| Referencias.....  | 59 |
| Anexo 1 - Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã .....     | 63 |
| Anexo 2- Viver Harmoniosamente.....                               | 66 |

## INTRODUÇÃO

...E assim as vítimas firmam um acordo com quem as destrói. E as mulheres que interiorizam desta forma o mundo masculino, embora sejam suas vítimas, ainda podem ter efeitos mais destrutivos que muitos desses homens, já que transmitem a ideologia masculina sob a capa da feminilidade. (GRUEN, Falsos Deuses, 1997)

Introduzo este trabalho explicando a escolha do assunto que, se não fosse tão pessoal, não encontraria forças para realizá-lo, pois só consigo discorrer sobre o que acredito e me dá sentido para ir adiante. O que motivou falar deste tema foram a minha própria experiência e a observação de mulheres que reagem de formas variadas aos percalços de suas vidas.

A vida inteira, eu fiz diversos questionamentos sobre a minha posição como mulher. Argumentei sobre algumas crendices e recomendações repassadas pela minha mãe, do tipo: “menina não assobia porque Nossa Senhora chora”; “toda moça tem que casar”; “quando você casar tem que saber cuidar de uma casa”, tem que guardar a virgindade senão não consegue um bom casamento, e outras mais. Pois bem, eu já era teimosa desde pequenina, e sempre respondia com rebeldia a tudo isto. Isso preocupava a minha mãe. Acredito que eu sofria, desde a infância, de um feminismo, que me impulsionava a querer fazer da minha vida algo diferente do que via naquela pessoa frustrada que era minha genitora.

Todavia, fui crescendo e me adaptando aos costumes e sem perceber repetindo e cumprindo aquelas recomendações.

Ninguém passa imune diante do contexto em que vive, sem que absorva o mínimo do contexto social em que esteja inserido. A subjetividade feminina é perpassada por influências de um discurso machista, que infelizmente, é mais transmitido pela própria mãe, que busca moldar a educação dos filhos, ainda seguindo conceitos e preconceitos herdados das gerações anteriores, que vão se diluindo de geração em geração, mas não se apagam de vez, mantendo vivas algumas convicções, verificadas na acomodação e sentimento de impotência feminina de algumas mulheres, bem como, na prepotência e violência de alguns homens, que ainda engordam estatísticas de ambos os lados.

O impulso que me move, é, portanto, algo que trago em mim, das minhas vivências, que por enquanto, não consegui vencer, mas que também não me fez acomodar, pois me incomoda e recomenda mudanças. Somente escrevendo sobre este tema, pude melhor me enxergar e sentir coragem de transformar a própria vida, que ainda se arrasta para uma mudança, que tenho a certeza está acontecendo junto com a conclusão deste trabalho.

E aí vai.

No primeiro capítulo faço uma breve explanação do contexto histórico e religioso, desde a Pré-História até os dias atuais na Idade Contemporânea, apresentando algumas questões que definiram a mulher como ser de ordem inferior e incapaz, analisando todas as implicações sociais, traçadas por uma cultura tendenciosa ao masculino como referência do poder, do belo, da inteligência e de todos demais atributos, que retratam o homem como ser superior e de plenos direitos sobre todas as criaturas, incluindo a mulher.

Para tanto, buscarei passear entre os momentos históricos, fazendo um paralelo entre a história e as doutrinas religiosas, que foram modificando o cenário da vida social, justificado por crenças e acontecimentos, segregando a mulher, empurrando-a para um lugar de sujeição, sob vigilância, aprisionamento e humilhação, amparados por suposições corrompidas de interesses próprios do público masculino.

Objetiva-se o questionamento de afirmações que, equivocadamente, traduzem a mulher como alguém que não tem capacidade de administrar sua vida, não legitimando sua voz, muito menos vez.

No segundo capítulo, a intenção é desmistificar preconceitos e estereótipos, que tentam correlacionar à natureza, às diferenças biológicas, características do feminino, querendo atribuir qualidades inerentes ao homem supervalorizando-o e menosprezando tudo que se refere à mulher, pressupondo, inclusive, o seu contentamento e prazer em permanecer nesta situação de inferioridade e submissão. São apresentadas algumas teses elaboradas por pensadores na área da Psicologia e da Psicanálise que discutem a identidade feminina, embora sob o contexto social impregnado da ideologia masculina.

Ainda nesse capítulo, pretende-se contrariar, com argumentos científicos a ideia da mulher, vista pela sociedade como sexo frágil, que cultua o machismo, discriminando o feminino, exigindo dela uma superação sobrenatural para continuar

exercendo suas funções, segundo sua opção de vida, desdobrando-se incansavelmente para provar que merece um lugar ao sol.

Por fim, o terceiro capítulo traz os diversos movimentos feministas, destacando a história de vida de muitas mulheres que conseguiram vencer preconceitos, tiranias e outros tipos de violência direta ou velada, que pretendiam dificultar a expressão feminina, que muitas vezes, só foi possível através de muitas lutas e práticas silenciosas de resistência e demonstração de exemplos, para conquistar os seus direitos e desenvolver suas capacidades, comprovando que nunca estiveram abaixo do homem, podendo ser apenas diferentes, mas nunca inferiores ou incompetentes, sendo suficientes para cumprirem e enfrentarem todas as demandas em grau de equidade com o homem. Neste último capítulo, também é exposta a reação masculina à emancipação feminina.

Nas considerações finais faço uma retrospectiva do que foi explanado no decorrer dos três capítulos, levantando algumas questões relevantes para o entendimento do que me propus discutir, principalmente a identidade construída a partir das relações sociais, que carregam ainda muitas cicatrizes do passado, por vezes, ardendo em ferida, em alguns homens e mulheres, fazendo-os tomarem posições inadequadas ao momento atual, de consciência e busca de alteridade, numa sociedade que se diz disposta ao diálogo e valorização das diferenças.

Ao final, Incluo dois anexos, sendo o primeiro, a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, escrito por Olympe de Gouges, e o segundo, um texto de Maria Lacerda De Moura como ilustração e homenagem a duas mulheres brilhantes que enfrentaram muitas barreiras na luta pela igualdade sexual.

## Capítulo I - A MULHER NO CONTEXTO HISTÓRICO E RELIGIOSO

### 1.1. Do Matricentrismo à Submissão Relativa

No principio era a Mãe. O verbo veio muito depois e iniciou uma nova era: o patriarcado. (MURARO, 1997)

Embora inexistam registros escritos da época da Pré-história, as escavações arqueológicas e figuras desenhadas nas cavernas, nos dão notícia de que a mulher nem sempre foi colocada num plano de inferiorização em relação ao lugar do homem. Os indícios demonstram que a mulher não dominava e nem era dominada. Tinha um papel de destaque pela capacidade de gerar novos seres, sendo por isso venerada e respeitada, podendo-se deduzir que todos tinham direitos iguais e as tarefas diárias eram divididas entre o grupo.

Os achados induzem ao pensamento de que haviam cultos direcionados a uma divindade feminina, que foi chamada de “A grande Mãe” ou Deusa Mãe, representante do ciclo da vida e da totalidade da criação, em um eterno nascer, crescer, florescer, morrer e renascer novamente. Era uma Deusa venerada pelo seu poder de criar, nutrir, proteger e sustentar todos os seres, reconhecida como a Mãe Terra ou Gaia.

Os estudos mais recentes baseados nos fósseis femininos encontrados, como também a vasta pintura nas paredes das cavernas, desnudam a ideia de que havia famílias patriarcais ou matriarcais, tal como alguns historiadores quiseram provar, mas sim, famílias matricêntricas, onde a figura da mulher puxava para si uma centralização por sua fertilidade, até então não explicada pelo ato sexual com um homem, fazendo com que acreditassem que elas tivessem um poder sobrenatural.

Os gregos também explicavam a origem do mundo pelo mito de Gaia, considerada por eles como a doadora da sabedoria aos homens e criadora de um ser igual a ela, com quem se casou e teve muitos filhos para povoar a Terra.

Em outras civilizações antigas, também são citadas as Deusas para explicar o surgimento do mundo, como exemplo, Isis no Egito, Aditi na Índia, Astarte na Mesopotâmia, Nu Gua na China e também na América pré-colombiana, a Deusa Tlateutli dos Astecas e Ix Chel dos Maias.

No Egito, era comum a representação das divindades femininas e também das rainhas, esculpidas ou pintadas, sozinhas ou ao lado do faraó.

A mulher aparece na corte egípcia como rainha-mãe e esposa principal, com um destaque que demonstra desempenhar influência política e econômica junto aos governantes. Sendo semelhante, tal papel, nas civilizações da Ásia pré-clássica, como Mesopotâmia, Assíria e Israel, sem, contudo, estarem nesses impérios como comandantes do governo, tal como se tem notícias no Egito.

No reino dos faraós, não se pensou nem falou em “igualdade de direitos”, com a subjacente tensão e luta entre os dois sexos. Concebia-se toda a realidade em dualidades que mutuamente se completavam. O Egito era “Os Dois Países”, o faraó “rei do Alto e Baixo Egito”, só o mundo caótico anterior à criação era aquele “em que ainda não havia duas coisas”. Uma das vivências elementares da polaridade e harmonia de dois dados fundamentais é a relação entre homem e mulher. No antigo Egito, tão longe quanto chegam as fontes textuais e, antes delas, as iconográficas, essa relação está marcada por uma óbvia igualdade de valor de ambos os sexos. (CARREIRA, 2001, p. 25)

O Egito não tinha a cultura de menosprezar a mulher. Esta ocupava um lugar na sociedade, com poucas limitações em relação aos homens. Podia escolher o marido, embora precisasse do consentimento do pai para o casamento. As mulheres gozavam de direitos e deveres iguais aos dos homens. Na ausência deles podiam comandar a casa e também eram condenadas, da mesma forma, caso cometessem qualquer falta.

Por vezes, assumiram o poder e governaram o país, sem qualquer restrição. Podiam estudar e participar das atividades cotidianas, com direito a opinar sobre política e outros assuntos. Sempre foram exaltadas pelos maridos e principalmente pelos filhos, como demonstram os escritos e toda a forma de arte da época.

Quanto à civilização grega, verifica-se que as mulheres não tinham qualquer poder para governar. O androcentrismo marca a história grega, que se desenvolve em torno da política e da guerra como temas principais, reservando para a mulher a função de reprodutora e esposa ou ama. Muitas vezes elas aparecem como símbolo sexual, onde é ressaltada a sua beleza em poesias, contos ou representadas como deusas, porém, sem qualquer menção a um lugar de igualdade perante o sexo masculino.

Na cidade de Esparta, por ser uma cidade voltada para a guerra, dava-se certa autonomia às mulheres, que eram treinadas para auxiliarem nos exércitos. Por

esta razão, elas também participavam de diversas atividades, junto com os homens, principalmente na política e nos esportes.

Já na cidade de Atenas, as mulheres eram tratadas como propriedade dos homens, passando das mãos do pai para as mãos do marido. Deviam obediência e respeito, abdicando dos próprios interesses e não podiam demonstrar qualquer desejo ou vontade. Apenas deviam acatar as determinações dos maridos e cuidar da casa e dos filhos. De acordo com a classe social, administravam os empregados ou escravos, mas sempre de acordo com a vontade do chefe e senhor da casa, o marido ou o pai.

Na civilização romana, embora a mulher geralmente vivesse sob a tutela do marido ou do pai, isso não as impedia de participarem das atividades públicas, como festas, eventos esportivos, e tudo mais que envolvesse a sociedade. No entanto, de acordo com a classe teria mais liberdade para se manifestarem.

Na história de Roma, tanto no período Imperial quanto no período da República, as mulheres podiam discutir política, estudarem processos, exporem suas opiniões. As mulheres casadas eram chamadas de matronas e conquistavam a confiança dos maridos para saírem sozinhas, bem como, para acompanhá-los em todas as atividades do dia a dia e da noite, podendo assistir as lutas de gladiadores e frequentar as festas noturnas. Contudo, tinham suas tarefas definidas na casa, com a responsabilidade de coordenar os escravos e administrar a casa, mas não precisavam ocupar-se dos serviços domésticos, ficando estes, a cargo dos empregados ou escravos. Nas classes mais pobres, havia muita mortalidade feminina, por complicações com o parto ou pelo excesso de trabalho físico.

Algumas não permaneciam com seus maridos ou pais, preferiam se rebelar, buscando a liberdade dos costumes, primando pela sedução, usando o sexo para o prazer, o prestígio social e o poder, em benefício próprio, dos filhos ou amantes, o que trazia como resultado, muitas vezes, o seu exílio ou sua morte. Era comum pedirem sua inscrição, como prostitutas, às autoridades públicas, para então, liberarem-se de qualquer punição, mesmo com o sacrifício da desonra judicial e social.

No entanto, as mulheres romanas se caracterizavam mais por ter um caráter heroico e serem fieis aos seus maridos, vivendo sob a proteção e tutela destes.

A religião em Roma era politeísta, com o culto a vários deuses, semelhantes em poder, aos deuses gregos.

A verdade é, que em determinado momento, que não se sabe precisar, a mulher perdeu seu prestígio, havendo algumas hipóteses para explicar a mudança do culto do feminino para o masculino. Uma delas diz respeito à passagem do período neolítico para a Idade dos Metais, onde houve muitas guerras entre as tribos, com invasão e dominação por guerreiros autoritários que implantaram deuses guerreiros em substituição à deusa pacífica e a divindade masculina do Deus Pai, colocando a mulher para um segundo plano.

Posteriormente, com a crença em um único Deus, as religiões monoteístas baniram a figura feminina e consideraram apenas a divindade masculina, que passaram a chamar apenas de Deus.

## **1.2. A Impureza da Mulher como Justificativa para a Sujeição**

Disse-lhe Deus: “E quem te disse que estavas nu? Então, comeste da árvore, de cujo fruto te proibi”? E o homem disse: “A mulher que me destes por companheira, foi ela que me fez provar do fruto da árvore eu o comi.” (BÍBLIA, Gênesis)

A Bíblia, no antigo testamento, apresenta várias passagens citando a mulher como culpada e merecedora de punição. Desde a origem da criação do mundo, foi apresentada como de nível inferior ao homem, criada após ele e a partir dele, quando solicitada por Adão uma companhia, vindo esta para servir-lhe, e por tê-lo feito comer do fruto proibido, foi castigada por Deus com as dores do parto e a paixão que a fará ser dominada pelo marido. Em outras passagens é considerada impura por menstruar<sup>1</sup> e dar a luz, devendo ser proibida de participar de certas práticas religiosas.

No Judaísmo ortodoxo, independente de qualquer situação em que se encontre, a mulher deve sempre permanecer em um local separado dos homens e atrás de uma divisória para que não distraiam os homens ou provoquem pensamentos impuros naqueles.

---

<sup>1</sup> A menstruação é um impedimento para as mulheres fazerem trabalhos, oferendas, rituais, em muitas religiões até hoje. O que se argumenta é que na menstruação a mulher está com o corpo aberto.

O Velho Testamento traz muitas citações de repúdio à mulher, apresentando-a como símbolo do mal, da astúcia e da sua inferioridade perante o homem. Em uma dessas consta:

E eu achei uma coisa mais amarga do que a morte, a mulher cujo coração são redes e laços, e cujas mãos são ataduras; quem for bom diante de Deus escapará dela, mas o pecador virá a ser preso por ela. Vedes aqui, isto achei, diz o pregador, conferindo uma coisa com a outra para achar a razão delas. A qual ainda busca a minha alma, porém ainda não a achei; um homem entre mil achei eu, mas uma mulher entre todas estas não achei. (ECLESIÁSTES 7:26-28)

Algumas mulheres se destacaram na história e na religião judaica, mas mesmo assim não foram colocadas em condição de igualdade com os homens.

É possível encontrar-se algumas rabinas, em outros países que não Israel. Nos Estados Unidos existe um seminário para ordenar as mulheres, mas estas não têm a denominação de rabinas, por causar estranhamento na comunidade ortodoxa. As mulheres judias também são proibidas de rezarem no muro de Jerusalém, conhecido como o Muro das Lamentações.<sup>2</sup>

O Novo Testamento, escrito após a vinda de Jesus Cristo, que dá origem ao Cristianismo, absorve o Antigo Testamento quanto à crença do Judaísmo sobre a impureza da mulher, e reafirma a culpa da primeira mulher, por todos os males da humanidade, fazendo com que todos os seres humanos nasçam pecadores. Por esta razão, Deus enviou seu próprio filho para o sacrifício da morte na cruz em benefício da salvação e reparação da maldição provocada por Eva, como resultado de sua desobediência.

São Paulo é bastante rígido quanto ao tratamento com a mulher, instruindo como se deve lidar com ela:

Uma mulher deve aprender em calma e total submissão. Eu não permito a uma mulher ensinar ou ter autoridade sobre um homem; ela deve ser calada. Porque Adão foi feito primeiramente, depois Eva. E não foi Adão que perdeu, foi a mulher que perdeu e se tornou pecadora. (BÍBLIA, I Timóteo 2:11-14).

---

<sup>2</sup> Atualmente existe um movimento mundial pelo direito das mulheres poderem rezar no muro das lamentações em Jerusalém. Elas partem do mundo todo, acompanhadas de judeus liberais e rumam para Jerusalém. Lá, muitas vezes, há conflitos com judeus ortodoxos. A polícia tem que fazer um cordão de isolamento para que elas possam passar. O movimento chama "Women of the Wall". Há um artigo na revista Carta Capital de 4/11/2013.

Mais tarde, o protestantismo de Martinho Lutero, considera a mulher uma simples reprodutora e não vê outra qualquer utilidade nelas, chegando a insinuar que não se deveria dar importância, caso morressem no parto, pois estavam no mundo para esta finalidade.

Enfim, a visão judaico-cristã é muito radical sobre a submissão feminina e sua responsabilidade sobre sofrimento humano, pois foi criada para benefício do homem, mas só lhe causou prejuízos.

Na transição da Idade Antiga para Idade Média este cenário histórico se modifica e a mulher passa a sofrer outras sanções. Foi renegada em seus interesses, na medida em que se expandiu a religião cristã, passando a ser perseguida e tolhida, não só de seus desejos, mais principalmente, desprezada na razão de sua existência.

As filhas eram propriedade do pai e para casarem deveriam pagar um dote, sendo excluídas de qualquer herança, do pai ou do marido quando estes faleciam. As famílias planejavam os casamentos dos filhos de acordo com os interesses sociais e financeiros. À mulher cabia a submissão e obediência sem qualquer questionamento.

A mulher era considerada inferior porque era frágil fisicamente, suscetível ao pecado, não deveria manifestar desejo ou prazer para o sexo. O ato sexual deveria ocorrer apenas para a procriação. Cabia ao homem usá-la, somente para este fim, sem nunca ter com ela qualquer tipo de prazer ou intimidade que ultrapassasse o objetivo de procriação, sob pena de ser considerado adúltero.

De acordo com a classe social, as mulheres tinham certas obrigações. Para as mulheres pobres o dever de acompanhar os maridos no campo e na servidão feudal. Para as ricas cabia a administração dos afazeres domésticos, da supervisão das atividades dos empregados e manter a casa guarnecida de alimentos para todos. Também era sua função supervisionar a fabricação dos tecidos e a feitura das roupas de toda a família.

Só deveriam se ocupar dos afazeres domésticos, eram proibidas de estudar, como também não tinham permissão para discutir assuntos de política, não votavam ou participavam de qualquer decisão dentro ou fora dos lares.

Entretanto, muitas mulheres possuíam lugar de destaque em suas comunidades. Fabricavam medicamentos com plantas e ervas, organizavam festas e cerimônias coletivas. Mesmo na Idade Média, essas mulheres representavam uma

potência e ruptura com as visões políticas e religiosas da Idade Média. Por esta razão, este período foi marcado pelo registro dos piores massacres da história contra as mulheres, na “caça as bruxas”, quando pelo simples fato de ousar pensar, ou argumentar sobre qualquer assunto histórico, social, científico ou religioso, eram queimadas na fogueira.

### 1.3. A Mulher nas Religiões Orientais

Art. 420º Uma mulher está sob a guarda de seu pai, durante a infância, sob a guarda de seu marido durante a juventude, sob a guarda de seus filhos em sua velhice; ela não deve jamais se conduzir à sua vontade. (CÓDIGO DE MANU)

O Hinduísmo é considerado tal como o Budismo um modo de vida que não se restringe apenas a uma prática religiosa. Embora haja indícios de que na antiga Índia as mulheres partilhavam dos mesmos direitos e praticavam igualmente os rituais religiosos, o Código de Manu,, um dos mais antigos conjuntos de normas de conduta, apresenta-se como uma lei com diversos artigos antifeministas que restringem os direitos da mulher, obrigando-a portar-se de forma passiva e obediente.

Contribuiu também para esta segregação a influência do Islamismo e a colonização inglesa.

A violência e discriminação são ainda praticadas pelos homens, justificadas pelo sistema de castas e da superioridade masculina.

Há uma forte crença de que a mulher somente atinge o paraíso pela obediência ao marido, consideradas pecaminosas e inclinadas ao mal, precisam ser controladas, mantidas sob vigilância e ocupadas nas atividades do lar e na maternidade. O nascimento de uma menina é motivo de tristeza.

Um marido deve tratar sua esposa com respeito, cortesia e fidelidade. Deve deixar o serviço doméstico por conta dela e prover as suas necessidades. Por seu lado, a mulher deve arcar com a administração do lar, tratar sabiamente os criados, manter sua virtude tanto quanto uma boa esposa deve. (A DOCTRINA DE BUDA – 1978, p.424-426).

Não diferentemente de outras religiões o Budismo também considerava a mulher maliciosa e incapaz de atingir a salvação. Buda aconselhava seus discípulos

a não falar e não olhar para elas. Apenas os homens eram capazes de atingir a iluminação.

O único modo de salvação feminina era através da reencarnação como homem, como uma forma de evolução espiritual, através do esforço para desenvolver o pensamento masculino, pois que com o desejo pela vida e a maternidade não condiziam com a libertação do ciclo da vida. Deveria ser mantida longe do contato com os homens e desprezada para que não os desviassem do caminho da perfeição.

Porém, após muita insistência de algumas mulheres que se recusavam se afastar do mestre, buscando os seus ensinamentos, este reconsiderou sua posição e criou uma ordem feminina para que praticassem a doutrina, atingindo assim a salvação.

A partir daí, o Budismo passou a não ver distinção entre gênero, reconhecendo homens e mulheres em igualdade de condições, não havendo qualquer discriminação ou separação. Contudo, ainda há crenças e práticas que colocam a mulher em segundo plano. Alguns seguimentos do Budismo consideram a mulher como uma encarnação inferior ao homem e discriminam as filhas, preferindo o nascimento de meninos.

E seu Senhor respondeu a eles: "Verdadeiramente, jamais perderei a obra de qualquer um de vós, seja homem ou mulher, porque procedeis uns do outros" (ALCORÃO 3:195)

O Islamismo nasceu a partir da religião judaica e dos preceitos cristãos, porém, diferencia-se quanto ao lugar em que coloca a mulher, por não entender que ela foi criada a partir do homem, bem como, não foi responsável pelo pecado original, tal como mencionado nas escrituras judaicas, pois considera Adão e Eva culpados, igualmente, pela expulsão do paraíso e perdoados por Deus.

A mulher no Islã, como cita Sherif Addel Azim, nunca foi mencionada no Alcorão como ser inferior, impura ou culpada de qualquer pecado, merecedora de discriminação ou punição divina.

O Alcorão tampouco faz distinção entre o nascimento de meninos e meninas, considerando um presente de Deus o nascimento de ambos. Consta também a permissão para a dissolução do casamento, tanto por iniciativa masculina quanto feminina.

Porém, a realidade das mulheres muçulmanas, segundo Sherif Abdel Azim, em algumas sociedades diferencia-se bastante do que é apregoado no Alcorão, não recebendo qualquer tratamento respeitável e de igualdade, privando-as de muitos dos seus direitos por tradições herdadas. Há quem não receba bem o nascimento de meninas, sendo estas privadas de estudarem e participarem da herança da família. Vivem vigiadas com mais seriedade, podendo ser mortas por qualquer pequeno deslize, enquanto aos homens são toleradas algumas faltas, por vezes mais graves do que as cometidas pelas mulheres.

Segundo o autor do livro “A Mulher no Islam Mito e Realidade”, há uma grande diferença entre o que os muçulmanos supõem acreditar e o que eles realmente praticam que se manifestam em todos os seguimentos da vida dos praticantes do Islam. Considera que a reforma na atual situação das mulheres muçulmanas terá que ser iniciada através de reformas mais amplas em todo o modo de vida das sociedades islâmicas, reaproximando o mundo muçulmano dos ideais originais do Islam.

#### **1.4. O Matriarcado Africano na Religiosidade Tradicional**

A África tem uma diversidade de cultura e manifestações religiosas. A grande maioria é islamita ou cristã. Uma pequena parcela ainda mantém as tradições das sociedades tribais. Em algumas dessas sociedades tribais, africanas tradicionais, desde tempos remotos até hoje, pratica-se a poligamia, o que deixa a mulher mais livre, uma vez que participa da vida de casada apenas para procriar, mas tem independência para permanecer próximo da família de origem e cultuar os seus orixás. Pode ainda, circular livre e comercializar produtos para si. Por esta razão, há uma diferença no lugar ocupado pela mulher e o poder que o homem exerce sobre ela. A ancestralidade é muito valorizada e considerada para determinar alguns comportamentos.

Embora a mulher se submeta ao marido através do casamento, os orixás orientam as mulheres, permitindo a estas se oporem a autoridade masculina e a papéis sociais. Elas têm autonomia para cumprirem suas obrigações religiosas e comandarem rituais. As mulheres têm identidades específicas, que vão sendo moldadas conforme os mitos e crenças, de forma que possa constituir sua

personalidade e consciência de si, dependendo sua conduta social e pessoal da orientação de seu orixá.

Os praticantes do Candomblé têm duas famílias a consanguínea e a religiosa, que se confundem, sendo as mulheres as principais personagens que mantêm as duas unidas.

Bastide, (1978), entende a conduta das mulheres de Candomblé como um reflexo da mitologia dos deuses e pensar sobre o modo como sua vida pessoal e afetiva é perpassada pela vontade dos orixás.

(...) é a tradição mítica que fornece ao mesmo tempo os quadros dos mecanismos de pensamento, das operações do comportamento humano e, finalmente das trocas sociais. (BASTIDE, 1978, p. 265-266, *apud* Santos).

Em a Cidade das Mulheres, Ruth Landes, (2002), destaca através das pesquisas realizadas em Salvador, Bahia que a maioria das posições de maior hierarquia dentro dos Candomblés é ocupada por mulheres, tendo estas um grande poder.

Um fator que justifica o grande matriarcado na religião africana no Brasil foram as cartas de alforria, na época do Brasil Colonial, concedidas na maioria para as mulheres, proporcionando-lhes ocuparem lugares de destaque nos ambientes públicos de comércio e dentro dos terreiros religiosos, garantindo-lhes um privilégio e a manutenção do poder até os dias de hoje.

### **1.5. A Mulher e as Transformações a partir do Século XVI**

As várias transformações a partir do século XVI marcam um novo tempo, uma nova percepção do mundo, com a busca de respostas científicas para os fenômenos da natureza, bem como, as grandes conquistas através da navegação, descobrindo novos mundos, novas culturas, que vão repercutir na vida social e familiar de todos.

Apesar da saída da Idade Média e a constituição de um modelo de ciência, pouco mudou a condição da mulher neste período. Ela continuou como propriedade, com obrigações domésticas e obrigada a obedecer. E agora, mais resignada e conformada com a situação. Ajeitou-se, como pode, para dar conta do marido e dos filhos, assumindo o papel que lhes determinaram.

Acumulou, em algumas ocasiões, além da responsabilidade pela coordenação da casa e dos afazeres domésticos, a administração financeira do patrimônio, na falta do marido, sem, contudo, ser valorizada e reconhecida por isso.

Na vida sexual, continuava obrigada a se recatar e não manifestar qualquer desejo, apenas aceitar o marido que lhe fosse escolhido e prometer-lhe submissão e obediência.

Lançou-se no mercado de trabalho como artesã, viveu a burguesia ajudando a aumentar o patrimônio da família, mas ainda como subalterna, sem qualquer respeito. Ou seja, a mulher circulava em muitos aspectos da vida social por entre o século XVI e XVII, desenvolvendo muitas atividades que vão se concretizar depois no século XIX, como por exemplo, no Rio de Janeiro, no comércio, como costureira, quituteiras. (DEL'PRIORE, 2006). Porém, ainda deveria saber o seu lugar e sentir-se satisfeita em ter alguém que lhe sustentasse e lhe desse um nome de família.

A Revolução Francesa, aliada à Revolução Industrial e ao aparecimento da Psicanálise, compõem a inauguração da Idade Contemporânea. O lema liberdade, igualdade e fraternidade, conduzem a uma reavaliação de conceitos antigos e impõe diversas transformações no campo social, econômico, político, científico e religioso.

A revolução industrial, recruta a mulher para fora do ambiente privado, levando-a para dentro das fábricas, e assim, obriga às famílias a se reestruturarem, redefinindo os papéis dentro do lar, o que vai repercutir em mudanças sociais e econômicas no contexto mundial.

O capitalismo fez surgir o trabalho industrial, e as guerras forçaram uma mudança radical no âmbito familiar, fazendo com que as mulheres passassem a exercer atividades nas fábricas, deixando de ser apenas cuidadoras e os homens não mais sendo exclusivos mantenedores. É um momento de grande avanço, tanto científico quanto social, em todo o mundo, a partir da declaração dos direitos do homem.

A Psicanálise começou a estudar as doenças psíquicas, direcionando seu olhar, principalmente para as mulheres, que foram analisadas por Freud e passaram a fazer parte das pesquisas realizadas por ele, surgindo uma nova concepção da histeria, como doença psíquica não ligada diretamente ao fato da mulher possuir um útero, ampliando as pesquisas para outras áreas do conhecimento, incluindo homens nesses grupos, mas observando as mulheres por outro ângulo, enxergando-as como seres diferenciados e merecedores de atenção.

Tânia M. Fontenele-Mourão, (2006), em seu livro sobre “Mulheres no Topo da Carreira”, apresenta os três fatores citados por Castells, (1999), que causaram esta redefinição, ou seja, “a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, o planejamento familiar através do controle reprodutivo e o advento da pílula anticoncepcional e a influência do movimento feminista.” (CASTELLS *apud* FONTENELE-MOURÃO, p. 17, 2006).

Fontenele-Mourão, (2006, p.23), nos diz que “o trabalho das mulheres na fábrica foi associado à licença sexual e à degenerescência da família, e considerado degradante, contrário a vocação natural das mulheres”. Associava-se o trabalho feminino a pobreza. As mulheres solteiras de baixa renda poderiam trabalhar para contribuir com o sustento da família, mas para as casadas o trabalho era desvalorizado, bem como pouco apreciado, uma vez que não deveria ser incentivado sob prejuízo da figura da mãe e esposa.

Um tradicionalismo que permanece nos lares, onde a mulher, mesmo trabalhando e contribuindo financeiramente para manutenção da casa, ainda continua com as responsabilidades sobre a educação dos filhos, a organização dos afazeres domésticos, sendo cobrada, também, dos deveres de esposa. Desta forma, acumula uma dupla jornada, da qual busca dar conta em prejuízo de si própria.

Portanto, a mulher ultrapassou os limites do lar, lançou-se no mercado de trabalho, porém, se vê responsável pelas atividades da casa, onde o marido, apenas auxilia como quer e quando quer, nos cuidados do lar e dos filhos, não se sentindo responsável por dividir tarefas.

Por outro lado, os salários, o reconhecimento e o respeito pelo trabalho feminino diferem em muito do trabalho masculino. Há discriminação na contratação, bem como, na valorização da mão de obra feminina, embora bastante camuflada com invólucros diversos.

Segundo Fontenele-Mourão, (2006, p.38), “trata-se de um fenômeno histórico e culturalmente construído que é a desigualdade que existe entre homens e mulheres, não apenas na esfera do trabalho, mas em diferentes aspectos da vida social e envolve um grande número de variáveis em sua constituição.”

Pode-se afirmar que alguns países da Europa e os Estados Unidos, já ultrapassaram este tradicionalismo e vêm apagando, mais aceleradamente, os vestígios das diferenças de gênero quanto ao trabalho e valorização feminina, não

sendo esta a realidade do Brasil e de outros países, ainda subdesenvolvidos, que não conseguiram vencer estas barreiras sociais com tanta rapidez.

O que se observa, apesar de toda a evolução e quebra de preconceitos, é uma resistência muito grande masculina, apoiada em acomodações femininas ou dogmas religiosos, para a justificativa da submissão da mulher tanto social, quanto econômica na atualidade.

Muitos questionamentos estiveram presentes mesmo antes do surgimento da Psicologia como ciência, desde a época dos grandes filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles que já se ocupavam de discussões para explicar o comportamento humano e dos grupos sociais, visando primordialmente trazer subsídios que esclarecessem a natureza humana, analisando as diferenças individuais, as motivações de agrupamentos e suas interações. No entanto, é muito recente o estudo do comportamento feminino sem que haja um comparativo com o masculino, considerando este como parâmetro do que é negativo na mulher.

## Capítulo II – A PSIQUE FEMININA E SEUS DESDOBRAMENTOS

O contexto do aparecimento de um projeto de Psicologia Científica a partir do século XIX, não se deu sem crises e rupturas no campo metodológico, epistemológico (FIGUEIREDO, 1997), pois a Psicologia surge como ciência por uma necessidade de desmembramento de outras ciências e da Filosofia. No entanto, algumas teorias fugiam da Física, não se enquadravam na Biologia e ainda não correspondiam a Ciência Social. Portanto, precisava tomar outro rumo, e dessa forma, tornar-se uma ciência independente. Contudo, ainda continuava uma lacuna para firmar-se cientificamente, uma vez que não se comprovavam todos os fenômenos e a experimentação não abrangia todas as áreas desta ciência. O que mais se aproximava ainda eram as teorias sociais e biológicas, mas não correspondiam ao todo que ela buscava estudar, considerando que a psique não é palpável e não é um objeto observável, como bem explica Auguste Comte (1798-1857), para justificar a sua negativa da Psicologia como ciência. Ele acreditava que ainda que pudesse ser considerada como ciência teria que utilizar-se da biologia ou da sociologia.

Partindo destas questões a Psicologia buscou desde o início firmar-se como ciência independente através do estudo do comportamento humano e dos experimentos com animais para comprovar teorias e hipóteses levantadas, que pudessem trazer resultados concretos. Desta forma, enveredou-se por pesquisas observando o ser humano em suas características, ações e reações, na expectativa de elaborar leis que pudessem definir de forma geral todos os seres humanos.

Outrossim, as mulheres, não eram aceitas como pesquisadoras, não sendo-lhes permitido ingressar nas universidades para cursos de doutorado, o que dificultava que elas próprias trouxessem respostas as suas questões.

Com o advento da Psicanálise, a mulher tornou-se objeto de estudo de Freud por conta das suas pesquisas em torno da histeria e o seu interesse no trabalho do médico francês Charcot. Embora acusado de certo machismo, Freud deu atenção e voz às mulheres que lhe foram encaminhadas para tratamento. Ele sustentou algumas teorias que reputavam para uma visão do feminino separado do masculino, e merece um aplauso feminista como um dos primeiros pensadores da modernidade a enxergar a mulher através dela própria, sem formatá-la ao masculino. Entretanto, a

queixa permanece sobre as considerações da posição que a mulher deveria ocupar e conformar-se.

Freud também oportunizou as mulheres a estudarem a Psicanálise através dele, fazendo análises didáticas para formá-las, como é o caso de Melanie Klein, Ana Freud e outras.

O movimento feminista fortalece as pesquisas sobre o comportamento feminino, procurando distanciar-se do modelo masculino. Estudos mais recentes, como se verifica nos trabalhos de Arán, (2009), dentre outros, mostram uma preocupação com a condição social da mulher no que tange a desigualdade de direitos e exigências comportamentais, baseadas na moral e costumes ditados ao longo dos tempos.

Elizabeth Lloyd Mayer (1979, p.372) faz um apêndice no livro “Teorias da Personalidade”, sobre as teorias analíticas da personalidade no que se refere à psique feminina, afirmando que são baseadas nas teorias masculinas carregadas de patriarcalismo, afirmando que as pesquisas psicológicas sempre mantiveram o parâmetro masculino para elencar as características da personalidade feminina, atribuindo o que é observado no homem como positivo e nas mulheres como negativo.

Graciano (1975, p. 146), no seu artigo sobre Contribuições da Psicologia Contemporânea para a Compreensão do Papel da Mulher, cita as características ditas como naturais e negativas para as mulheres: a fragilidade, a emotividade, os sentimentos maternos, a passividade e o conformismo. Já para os homens, a agressividade, independência, domínio, coragem e capacidade, são as características ressaltadas e como positivas encontradas no público masculino. Assim diferenciam-se homens e mulheres, valorizando-se socialmente os atributos considerados masculinos que também são considerados para algumas discussões teóricas em psicologia como personalidade sadia e ajustados dentro da sociedade atual.

Algumas correntes dentro da Psicologia e da Psicanálise deram uma maior ênfase ao estudo do comportamento humano, no tocante a constituição da identidade masculina e feminina, na expectativa de definir o indivíduo e traçar as suas diferenças, sendo escolhidos os pensadores com se seguem, por apresentarem vertentes fortes e que embora não semelhantes se complementam na proposta de dizer o psiquismo feminino.

## 2.1. Freud e as Diferenças Biológicas entre os Sexos

Freud foi pioneiro na percepção da mulher como um ser diferente do masculino. Buscou através do estudo das histerias femininas uma resposta para os problemas que tanto as afligia. Ele acreditava que algo ocorria nas mulheres que as diferenciava dos homens em suas neuroses e até psicoses.

Em seus estudos, especialmente, nos Três Ensaio sobre a Sexualidade Infantil (1905), deu muita ênfase a análise dos casos femininos, fundamentando suas conclusões nas diferenças biológicas entre os dois sexos, porém, não conseguiu suplantar a ideia da inferioridade da mulher.

Quando Freud fala do desenvolvimento psicosssexual infantil, destaca na fase fálica o medo do menino pela castração e a inveja da menina pelo pênis, considerando aí que a falta de pênis para a menina seria um defeito, uma falha da mãe e por isso ela a hostiliza e se aproxima do pai desejando-o por possuir o que lhe falta. Vai mais além, afirmando que a menina permanece com inveja do pênis e desenvolve um sentimento de inferioridade e ciúme, que irá levá-la ao desejo de ser mãe de uma criança do sexo masculino. Ainda sobre isso, acreditou que a mulher nunca finaliza o complexo de Édipo e ainda tem menos desenvolvido o superego por esta razão. Ele afirma que a menina vai se tornando passiva no decorrer de sua vida e busca assemelhar-se a mãe e a todas as tendências femininas de masoquismo, passividade e renúncia à sexualidade. Investe ainda no conceito de anatomia como destino, sendo o destino da mulher a mutilação natural, não tendo desenvolvido o único órgão genital verdadeiro e por consequência, eternamente insatisfeita e com sentimentos de inferioridade e deficiência.

Não devemos nos permitir ser desviados de tais conclusões pelas negações feministas, que estão ansiosos por nos forçar a encarar os dois sexos como completamente iguais em posição e valor; mas, naturalmente, concordaremos de boa vontade que a maioria dos homens também está muito aquém do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto (FREUD, 1925, p. 286)

Freud acreditava que a falta de pênis, além da inveja e sentimento de inferioridade, causava uma real inferioridade da mulher em relação aos homens, na visão de justiça, intelectualidade e principalmente na capacidade de pensar por si, sem a necessidade da aprovação masculina.

Em outra perspectiva e já se opondo à Freud, a psicanalista Karen Horney, (1926), afirma que a inveja do pênis na mulher é tão natural quanto se pensar a inveja pela gravidez e amamentação no lado masculino. O que está em jogo para ela é como irá experimentar essa inveja e que sentimentos despertará a partir disso, podendo haver superação e domínio que serão primordiais para o crescimento e desenvolvimento da mulher, tornando-a madura e sem qualquer sensação de inferioridade.

Elizabeth Mayer, (1979, p.375), na sua apreciação da psicologia da mulher, insiste em um reexame sobre o conceito tradicional psicanalítico sobre a inveja feminina do pênis, que aparece em alguns casos clínicos, afirmando que “Aprender a lidar de modo produtivo com sentimentos de inveja ou de insegurança, ou de ser diferente das outras pessoas é, sem dúvida, central para o desafio de crescimento de qualquer indivíduo, homem ou mulher.” Portanto, não é uma prerrogativa feminina ter inveja, e mais, aprender a transformar isso, em avanço pessoal, trará independência e personalidade sadia ao indivíduo de qualquer sexo, gênero ou classe.

Mayer cita o pensamento de Horney, (1967), compartilhado com Clara Thompson, (1943), sobre a inveja do pênis afirmada por Freud, como uma inveja simbólica, considerando o que representava ter um pênis, ou seja, o poder e o valor que se atribui ao masculino e todas as formas preferenciais de tratamento, que a menina percebe desde o nascimento, através da subordinação e limitação que lhe é imposta por ser do sexo feminino. (HORNEY, THOMPSON, *apud* MAYER, 1979, p.376).

Em uma de suas conferências sobre a feminilidade, Freud afirma que os termos, masculino e feminino, caracterizando o primeiro como ativo e o segundo como passivo, não deve ser generalizado para o paralelo das diferenças anatomo-biológicas e diferenças mentais, pois nem sempre pode se considerar passiva a fêmea, e ativo o macho. Exemplifica a parcela ativa da mulher em muitas atividades como no cuidado com os filhos. Admite que por ser a mulher mais passiva no ato sexual isso se prolongue para outras situações do cotidiano.

Embora, com todas as considerações sobre a sexualidade feminina, há de se destacar a confissão de Freud sobre nunca ter realmente compreendido a psicologia da mulher e tudo que lhe dizia respeito, declarando ser o seu trabalho experimental neste campo.

Importante o que diz Mayer, sobre a visão de Erik Erikson, (1964), um dos psicanalistas que se atreveu a rever a posição de Freud sobre as mulheres: para ele três fatores devem ser considerados para as conclusões freudianas: “baseou-se na observação clínica de mulheres em sofrimento (circunstâncias patológicas), dependia dos recursos masculinos de empatia para compreender a psique feminina, aceitação da realidade cultural específica”. (ERIKSON *apud* MAYER, 1964, p. 376).

## **2.2. Adler e a Atitude Cultural para o Feminino**

Uma das piores consequências dos prejuízos à inferioridade da mulher é a classificação feroz dos conceitos de acordo com o critério dessa inferioridade: assim, ‘masculino’ significa valioso, poderoso, vitorioso, capaz, ao passo que ‘feminino’ equivale a obediente, servil, subalterno (ADLER, p. 135).

Para Adler não há diferenças psicológicas entre os sexos sendo estas afirmações o resultado de atitudes culturais que causam dificuldades desde o nascimento, para o desenvolvimento da criança do sexo feminino. Portanto, não compartilhava da ideia de que as mulheres fossem inferiores aos homens, acreditando que havia um interesse em propagar esta crença de maneira a manter o domínio e privilégio masculino. Para ele, a menina ao nascer já traz consigo o preconceito que a impede de desenvolver suas potencialidades psíquicas e de sentir-se valorizada.

Considerava que havia duas tendências dominantes no indivíduo, ou seja, o senso de sociabilidade e de superioridade ou dominação que causariam a luta pela segurança e pela satisfação das três exigências da vida: o amor, o trabalho e a vida social. E assim, a mulher sempre estaria na posição subalterna, já que considerada inferior ao homem em todos estes seguimentos. Três afirmações suas definem a sua teoria:

A divisão do trabalho se fez de tal arte que, ao grupo privilegiado, o dos homens, foram garantidas certas vantagens, decorrentes de sua dominação sobre as mulheres (ADLER, p. 125).

Desde o dia de seu nascimento, [o menino] é logo recebido com grande entusiasmo por ser um menino e não uma menina. É bem sabido que, com grande frequência, os pais preferem ter filhos homens a ter filhas (ADLER, p. 128).

Certos traços de caráter são considerados masculinos e femininos, posto que não haja base alguma para tal classificação (ADLER, p. 129).

Segundo Adler, o fato da mulher perceber a dominação e valorização do masculino traz algumas perturbações que a levarão a querer desertar-se da feminilidade, por insatisfação com sua posição, apresentando algumas identificações como citadas a seguir: a mulher busca a identificação com a masculinidade tornando-se enérgica e ambiciosa, lutando para ultrapassar e vencer as figuras masculinas de seu convívio; demonstra interesse e muitas vezes, pratica atividades consideradas masculinas; algumas vezes, nega o casamento e o amor; outras se identificam com a posição que lhes é atribuída e mantêm-se adaptada, obediente e humilde. É comum manifestarem doenças nervosas como forma de demonstrarem a insatisfação pela vida que levam; há aquelas que se convencem de que realmente são inferiores, enfatizam a superioridade masculina e colocam os homens numa posição especial, subordinando-se por convicção; e por fim, há outro grupo que se afasta da vida comum e se entrega ao celibato ou qualquer tipo de trabalho que possa esconder a sexualidade.

A discriminação entre o papel feminino e o masculino, entendendo o primeiro como inferior e o segundo como superior, faz surgir o que Adler deu o nome de hostilidade que gera as brigas e ressentimentos de cada lado.

### **2.3. A Mulher na Visão Junguiana**

Jung acreditava que a psique da mulher é diferente da psique do homem, porém, afirmou que há no homem um componente masculino e na mulher um componente feminino, aos quais batizou de anima, o que aparece no homem de conteúdo feminino, e animus, o que aparece na mulher de conteúdo masculino, significando ambos, a alma de um indivíduo que ligam o Eu e o Não-Eu, ou seja,

suas relações internas e com o outro, bem como, a forma de complemento que cada indivíduo utiliza do sexo oposto que define o seu comportamento na sociedade.

Segundo Jung, “A anima, sendo feminina, é a figura que compensa a consciência masculina. Na mulher, a figura compensadora é de caráter masculino, e pode ser designada pelo nome de animus.” (JUNG, Vol. VII p.328).

Ele diz que estes dois componentes são projeções que acontecem na infância e precisam integrar-se para que o indivíduo desenvolva a sua personalidade. No caso do homem as projeções da infância na mãe, quando integrada na idade adulta trará para ele características de sensibilidade, intuição, afetividade, paciência e outros atributos considerados mais femininos, já na mulher, trarão na personalidade, traços de direcionamento, racionalidade, assertividade capacidade de julgar e objetividade, dentre outras qualidades. Caso não haja uma integração destes componentes, alguns comportamentos ficam mais acentuados, como por exemplo, no homem, certa melancolia e na mulher a torna mais agressiva, tendo ambos, alterações de humor muito fortes.

Também considerou duas características na personalidade do ser humano, a persona e a sombra. A persona é como as pessoas se apresentam no mundo, como querem ser vistas e reconhecidas, enquanto a sombra é a parte proibida de se mostrar, por conter conteúdos que irá denegrir sua imagem, portanto, devendo ser negada e mantida escondida. Isso acontece inconscientemente e somente quando é revelada e incorporada ao consciente pode trazer maior equilíbrio na forma de se comportar diante das questões da vida, fazendo com que a pessoa seja mais criativa e também tenha melhor relacionamento com os outros.

A persona é formada a partir do que é vivenciado e aprendido desde o nascimento, de acordo com o ambiente, a família e todos os demais grupos sociais que tem acesso. Ela é necessária para a construção da personalidade, como uma forma de adaptação ao meio social. Ela é o que pensamos que somos e o que pensamos ser, contudo não pode ser confundida com o que realmente somos, pois, se assim acontecer a pessoa perde sua essência vivendo apenas a aparência do ser, ocasionando uma perda de identidade.

Todo indivíduo é acompanhado por uma sombra, e quanto menos ela estiver incorporada à sua vida consciente, tanto mais escura e espessa ela se tornará (...). Se as tendências reprimidas da sombra fossem totalmente más, não haveria qualquer problema. Mas, de um modo geral, a sombra é simplesmente vulgar, primitiva, inadequada e incômoda, e não de uma

malignidade absoluta. Ela contém qualidades infantis e primitivas que, de algum modo, poderiam vivificar e embelezar a existência humana; mas o homem se choca contra as regras consagradas pela tradição. (JUNG, Vol. XI)

Jung traz através de seus conceitos a proposta de uma integração do feminino com o masculino e da aparência com a essência. Quando fala dos elementos anima e animus, encontrados no indivíduo, que representa o sexo oposto contido no ser humano, bem como, da persona e da sombra, faz um convite a uma reflexão sobre o que a humanidade sempre perseguiu, ou seja, o equilíbrio psíquico e social. Entende que o indivíduo, seja do sexo masculino ou feminino, somente será completo e sadio em sua psique, quando integrar consciente e inconsciente harmoniosamente, resultando a tão falada individuação que pode ser traduzida como a completude do ser em si mesmo, não valorizando ou desvalorizando qualquer categoria de gênero ou sexo, sendo a definição de homem ou mulher pouco importante ao final.

#### **2.4. Reich e a Libertação da Mulher na Sexualidade**

Reich foi discípulo de Freud, mas desenvolveu seu trabalho divergindo da visão de seu mestre sobre a sexualidade e o orgasmo. Para ele a prática sexual deveria ser livre e estimulada à liberação da mulher para sentir prazer, sem que tivesse que manter-se virgem, recatada e aguardando um casamento com fins sociais e morais. Acusava a sociedade capitalista de estabelecer uma ordem patriarcal, impedindo a liberdade sexual, principalmente das mulheres.

Enveredou pelos caminhos da política e apontava a opressão social da mulher como fator para a formação do caráter feminino, responsabilizando o efeito da sociedade no seu funcionamento sexual. Desta forma, acreditava que a passividade atribuída à classe feminina era produto social patológico.

Afirmou que a capacidade orgástica era o que garantia o bem estar do indivíduo, sendo o orgasmo feminino um estágio superior ao masculino, uma vez que o pênis era particularmente adaptado para a formação e liberação da descarga elétrica enquanto na vagina não era tão bem adaptada, e, portanto, esta capacidade no caso da mulher, a faria ter uma receptividade e união com o mundo numa forma maior de amor ainda não experimentada pelos homens.

Vale ressaltar aqui o que escreve Reich sobre a questão da sexualidade feminina:

A questão seguinte era: são "neuróticas" ou "normais" a inibição sexual e a concomitante rejeição da sexualidade, que se desenvolvem no início de uma enfermidade crônica? Ninguém falava a respeito disso. Parecia que a inibição sexual de uma garota bem educada da classe média era exatamente o que deveria ser. Eu também tinha a mesma opinião; quer dizer, eu simplesmente não pensava absolutamente nisso, naquele tempo. Se por causa de um casamento insatisfatório, uma mulher jovem e ardente desenvolvia uma neurose estásica, por exemplo, uma angústia cardíaca nervosa, não ocorria a ninguém indagar a respeito da inibição que a impedia de experimentar a satisfação sexual a despeito do seu casamento. Com o tempo, é mesmo possível que ela pudesse desenvolver uma histeria real ou uma neurose compulsiva. Nesse caso, a causa primeira teria sido a inibição moral, enquanto a sexualidade insatisfeita seria a sua força motriz. (REICH, 1975, p. 51)

Reich inaugura uma concepção sobre a satisfação sexual feminina e sua libertação dos preconceitos que conseguiu expandir-se até os dias de hoje. O orgasmo feminino foi expandido para uma nova região feminina, não sendo apenas uma versão tímida do prazer masculino através do clitóris comparado ao pênis, mas uma possibilidade de prazer realmente feminino que revolucionou a crença da mulher como um homem defeituoso.

## **2.5. O Masoquismo de Helene Deutsch e a Visão de Lacan**

Surpreende a teoria de Helene Deutsch, trazida aqui através do texto de Fuentes, sobre o masoquismo feminino. Para ela a mulher teria uma fase da libido pós-fálica, ou seja, no decorrer do desenvolvimento a menina deixa de concentrar sua libido no clitóris permitindo que esta libido invada todo o seu corpo, excluindo ainda neste momento a vagina que é desconhecida como fonte de prazer. Para esta psicanalista a mulher passaria de uma fase do falicismo, experimentando uma dualidade ora feminina ora masculina, que traria como resultados orgasmo vaginal, êxtase feminino ou o masoquismo feminino. Estas experiências podem ser visualizadas no coito, na gravidez no aleitamento, sendo de qualquer forma uma posição passiva da mulher em relação ao homem ou a uma causa, citando aí as santas místicas do catolicismo.

Ela define o que chamou de masoquismo, o consentimento da mulher em posicionar-se como objeto da fantasia masculina, ou ainda, em abraçar causas que envolvam sacrifícios, renúncias, submissões ou até dor que justifiquem os seus ideais de luta.

Helene Deutsch sofreu muitas críticas por sua tese no masoquismo, contudo, foi reconhecida por Lacan, no tocante a sua percepção da satisfação feminina que não se restringe ao gozo fálico, podendo expandir-se para um desejo de um gozo feminino que não estaria diretamente ligado a sexualidade, mas ao prazer da satisfação sentida em atingir um gozo sem limites, o absoluto, o todo para um homem, a satisfação do Outro ou de uma grande causa ou ideal.

A psicanalista considerava as diferenças biológicas da mulher, na adaptação a dor e a capacidade de suportar o sofrimento, para explicar a sua tendência ao masoquismo nas relações com o masculino, e também da negação do feminino quando se entregava as questões de sacrifícios. Por outro lado, advertiu que era um perigo quando a mulher se dispunha a este tipo de satisfação masoquista.

Lacan criticou a ideia do masoquismo feminino, afirmando ser um preconceito das analistas pós-freudianas. Ponderou sobre a possibilidade de ser um desejo masculino, que teria correspondência no desejo da mulher em sentir-se amada, e por isso deixar-se servir de objeto da fantasia do homem.

Como explica Éric Laurent citado por Fuentes, em “As mulheres e seus nomes”, Lacan entendeu o masoquismo indicado por Helene Deutsch, o “ser da mulher”, quando homens e mulheres são atingidos pela falta-a-ser, em decorrência da estrutura da linguagem. Acrescentou também que Lacan reconheceu na mulher uma satisfação que não se baseia no ter e no medo de perder, por onde se exerce a castração para o homem, mas que transforma a falta fálica em benefício, isto é, em um gozo da privação.

Lacan, assim como Helene Deutsch, também criou uma polêmica ao apresentar a seguinte proposição “a mulher não existe”. A frase não pode ser entendida ao pé da letra, pois é notório que existe um ser a quem se denomina mulher. Na verdade o que quis demonstrar, baseado nas teorias freudianas sobre a falta de falo, castração e inveja do pênis, sentimentos estes atribuídos a mulher, é que a menina desde que nasce não tem um referencial que a defina como “A” mulher. Sendo apenas a ausência do pênis que por diferenciação do modelo do

menino a distingue daquele. Por esta questão as mulheres precisam construir individualmente a própria feminilidade sem qualquer suporte simbólico.

A teoria lacaniana compartilha com o pensamento de Helene Deutsch sobre o gozo Outro que não se limita ao falo e a sexualidade apenas, diferenciando da crença de Freud, que acreditava a mulher como menos que o homem quanto ao seu gozo, pois para Lacan, a mulher deseja o falo ou ser o falo e o homem tem a mulher como o falo que deseja.

Lacan conclui que não havendo um significante que conceitue o feminino, a mulher cria a feminilidade em si, utilizando-se de imagens através do outro, levando a preocupações, sobre a aceitação dos que a cerca, o que poderá desequilibrá-la, causando distúrbios psicológicos, numa busca incessante de chamar atenção do parceiro para assegurar-se sobre o desejo que desperta nele.

Muito embora, Lacan tenha uma versão mais ampla do que representa o feminino, acaba em uma percepção não muito diferente da tendência cultural, na qual considera a mulher a partir da comparação do que existe no homem e lhe falta, vivendo ainda uma relação de submissão, pelo medo da castração masculina. Não sendo definida por si, sobressaindo na função de mãe ou mulher enquanto fetiche para o gozo masculino, para demarcar uma existência, um significado, uma subjetivação.

Em outras palavras, apenas pelo negativo se conceitua a mulher, não havendo uma forma de dizer a mulher sem um comparativo, que vem historicamente, pelos teóricos do sexo masculino, definindo o homem como o lado positivo, para então, classificar o que não é o homem como sobra para denominar o que é a mulher.

### Capítulo III – A LUTA PELOS DIREITOS DA MULHER

A partir da inferioridade “social” e “política” da “fragilidade” do sexo dos “invertidos sexuais” e da mulher, a feminilidade passará a atormentar o imaginário social do homem burguês. Algo precisava ser feito para que esse estado de decadência não fosse tomado como norma social. A partir desse instante, dar-se-á o culto à masculinidade no século XIX. (SILVA, 1999, p.10)

Era o século XIX e o homem precisava então se afirmar, se posicionar como homem, demonstrar toda a sua masculinidade que o diferenciava do ser mulher e do ser homossexual, disso dependeria a sua posição perante a sociedade.

Uma nova imagem precisava ser criada no modo de vestir, andar, falar e comportar-se, para que não houvesse dúvida de sua virilidade.

Homens e mulheres buscavam definir seus papéis sem que um tivesse as características que pudessem confundir-se um no outro. Mulheres buscavam na era vitoriana toda a feminilidade que as representassem e os homens a masculinidade que os determinavam superiores.

Mas o feminismo estava surgindo como uma coletividade, a vista disso, o homem começava a questionar sua própria identidade, sua subjetividade estava ameaçada.

O modelo másculo, o comportamento ideal e tudo mais que eram atributos da perfeição dita no homem e que diagnosticavam imperfeição feminina, estavam prestes a ruir o conceito da superioridade masculina, considerando a nova percepção do feminino, que evidentemente na anatomia trazia diferença, mas não poderia ser parâmetro para a inferiorização e dominação da mulher, até então, assim entendido.

A mulher passou a posicionar-se, não como o sexo invertido ou a parte do ser que não atingiu sua plenitude, mas como alguém pleno de si, completa e independente. Diferente e única como indivíduo e não por ser mulher.

### 3.1. Mulheres Além do seu Tempo

[...] procurando à minha volta algum livrete, caiu entre minhas mãos um certo opúsculo que não me pertencia, mas que alguém havia deixado ali, com outros volumes, por empréstimo. Abri-o, então, e observei no título que se tratava de Mateolo. Pus-me, então, a rir, pois não o havia lido antes, mas sabia que, entre outros livros, esse tinha a reputação de falar bem das mulheres! Pensei, então, que para me divertir um pouco, poderia percorrê-lo. [...] Pus-me a lê-lo. Avancei um pouco a leitura. Mas, o assunto parecendo-me tão pouco agradável -, aliás, para qualquer um que não se deleita com calúnias -, e sem contribuir em nada à edificação moral nem à virtude, considerando ainda a desonestidade da linguagem e dos temas por ele tratados, folhee-o aqui, ali, li o final, e, em seguida, abandonei-o para voltar a outros estudos mais sérios e de maior utilidade. Porém, a leitura daquele livro, apesar de não ter nenhuma autoridade, suscitou em mim uma reflexão que me atordoou profundamente. Perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizerem as mulheres e a condenarem suas condutas em palavras, tratados e escritos. Isso não é questão de um ou dois homens, nem mesmo só deste Mateolo, a quem não situaria entre os sábios, pois seu livro não passa de gozação; pelo contrário, nenhum texto está totalmente isento disso. Filósofos, poetas e moralistas, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício. (CALADO, 2006, 118-119)

Pode-se anotar como marco do feminismo no mundo, o lançamento do livro “*La Cité das Damas*”, A cidade das Damas, de Christine de Pizan, em 1405. Christine de Pizan foi uma escritora, nascida na Itália e criada na França, na Idade Média. Ela ficou viúva muito cedo e contrariando os costumes da época, não contraiu novo matrimônio e muito menos se entregou a vida religiosa. Preferiu dedicar-se a literatura, tornando-se a primeira profissional escritora, passando a sustentar-se de seu trabalho e prover a família.

É considerada a precursora do movimento feminista no mundo. Ela escreveu sobre diversos assuntos, dentre eles educação, moral, saúde e política.

Buscava sempre abordar as questões femininas, escrevendo com coragem, sensibilidade e audácia para um tempo em que se proibia qualquer manifestação feminina desta ordem, sob pena de ser jogada na fogueira como foi o caso de Joana D’arc, homenageada ainda em vida pela escritora.

Ela escrevia sobre as mulheres e para as mulheres, contudo objetivava atingir não só estas, mas o público masculino, visando um despertar para uma nova percepção da mulher como indivíduo, ser humano, igual ao homem.

Partilhava do pensamento da mulher como um ser igual ao homem, não acreditando nas diferenças congênicas como justificativa de inferioridade e sim de uma construção social masculina.

Importante explicar o que possibilitou a investida de Pizan naquele momento, para falar às mulheres: as cruzadas deixavam os homens longe de casa, levando as mulheres a assumirem, por muitas vezes, a direção dos negócios e da casa, e o aparecimento da burguesia que ia permitindo à mulher aparecer ainda que tímida, diante do público.

É, portanto, a partir da autopercepção de Christine e sua determinação que surge uma interrogação sobre o que é ser mulher e instiga outras mulheres a definirem melhor os papéis que querem para si.

No entanto, não se pode atribuir apenas a esta mulher a luta pela igualdade e ainda ser um local o início de tudo.

A mulher tem o direito de subir ao cadafalso; ela deve igualmente ter o direito de subir à Tribuna. (GOUGES, 1791)

Outro exemplo de uma mulher brilhante, a frente de seu tempo, é de Marie Gouze, uma francesa nascida em 1748, que assinava como Olympe de Gouges suas obras.

Esta mulher teve grande destaque na Revolução Francesa, juntamente com outras mulheres que entenderam a revolução com a oportunidade de se verem livres de todo o tipo de opressão, não somente do Absolutismo do Rei, mas também de seus próprios maridos ou pais. Contudo, logo perceberam que de nada adiantou a luta para elas, apenas foram um instrumento de reforço para a revolução, fazendo eco, mas sem voz definida.

É então que Gouges, prevalecendo-se do momento, lutou em defesa da igualdade de direitos das mulheres. Logo após verificar que a Revolução declarava os direitos dos homens, mas excluía as mulheres, escreveu a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, (1791), começando sua batalha pela liberdade feminina, conclamando as mulheres a irem à luta com o lema: “Ó, mulheres! Mulheres, quando deixareis vós de ser cegas?” Através deste manifesto protesta pelos direitos de igualdade na educação, no voto, na política e todos os seguimentos

sociais, iniciando pela família onde reivindica o reconhecimento dos filhos considerados ilegítimos, o direito ao divórcio e a herança pelas mulheres.

Olympe de Gouges compreende a importância da mulher para a transformação da sociedade naquele momento e exige que as leis sejam igualitárias, e que a mulher passe a ter uma atuação sócio-política no país, porém, sua posição desafiadora esbarra com os revolucionários e os contrarrevolucionários, que neste ponto, são unânimes em querer manter a mulher no seu espaço doméstico e submisso.

Também é notório, o seu enfrentamento quanto às questões que ferem aos direitos humanos, de forma geral, como a escravidão nas colônias, a pena de morte e todo o tipo de direitos negados à mulher. Sua postura desagradou os revolucionários que viram nela um perigo para a revolução e por todas estas razões resolveram prendê-la e condená-la a morte na guilhotina, em 1793. Antes de morrer, ela deixou uma afirmação que questionava qual o lugar da mulher na sociedade: “A mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ela deve ter igualmente o direito de subir à tribuna”.

Mataram a mulher perigosa, mas não suas ideias de igualdade de direitos entre homens e mulheres e mais humanidade entre todos; estas permaneceram vivas e deram frutos, não somente em seu país de origem, mas foram difundidas com mais força por outros países, contaminando outras mulheres que a partir de sua bandeira, levantaram outras e outras bandeiras, até os dias atuais.

“O homem que se contenta em viver com uma companheira bela e útil, mas sem cérebro, perdeu o gosto por satisfações mais refinadas em favor das gratificações voluptuosas. Ele nunca sentiu a tranqüila satisfação, que refresca o coração como um orvalho divino, de ser amado por alguém que pode lhe entender”. (WOLLSTONECRAFT, 1792)

Mary Wollstonecraft (1790), escritora britânica, em seu livro “Uma Defesa dos Direitos da Mulher”, afirmou que o casamento era uma prostituição legalizada e que as esposas eram escravos convenientes. Esta obra foi considerada um dos pilares do movimento feminista na Inglaterra que veio justamente para contrariar a afirmação de William Blackstone, professor de direito de Oxford, que escreveu em sua obra “Comentários sobre as leis da Inglaterra” (1758) o trecho: “Para a lei, o marido e a esposa são uma única pessoa; isto é, a própria existência legal da

mulher é suspendida durante o casamento ou, ao menos, ela é incorporada e agregada à pessoa legal do marido, sob cuja proteção, cuidado e influência ela fará todas as coisas da sua vida”. (BLACKSTONE, *apud* POWELL, 2008).

Esta grande escritora, ativista feminina, defendia que os seres humanos são todos iguais e insistia: “Deixem as mulheres partilharem dos direitos que elas passarão a repetir as virtudes dos homens; pois elas se aperfeiçoarão ao se libertarem”. Ela usava a emoção para falar tanto aos homens quanto às mulheres, usando suas próprias experiências de vida para encorajar as mulheres a avançarem em direção a sua libertação e conscientizar os homens do valor feminino.

Ela foi assistir de perto, na França, o deflagrar da Revolução Francesa e desapontou-se bastante, quando percebeu que a revolução nada mudava na vida das mulheres, mantinha-se conservadora com todas as limitações femininas. Isso a instigou, fazendo-a escrever com mais veemência sobre a causa feminina, especialmente sobre o sufrágio feminino e a educação das mulheres, rebatendo, inclusive Rousseau em sua afirmação: “a educação das mulheres deve ser pensada em relação aos homens; em como nos agradar, nos ser úteis, nos fazer amá-las e prezá-las; em como educar-nos quando jovens e cuidar de nós quando crescermos; em como nos aconselhar, nos consolar, e como tornar nossas vidas fáceis e agradáveis; estes são os deveres constantes das mulheres, e é isso que elas devem aprender na infância.” Para ela, ao contrário do que ele pensava, a educação em todas as áreas, era para elas próprias e uma salvação para que compreendessem que a única sujeição a que deveriam sujeitar-se era a da razão de modo a não serem escravas da opinião masculina. Estimulava também os exercícios físicos para as mulheres exercitarem a mente. (ROUSSEAU, *apud* POWELL, 2008).

Wollstonecraft foi uma sonhadora para sua época, mas seus sonhos despertaram muitas mulheres de todos os cantos da Terra, para a construção de uma nova realidade onde os homens e mulheres tratariam um ao outro como iguais, sem preferências ou ódio por ambos os sexos, com liberdade, respeito e amor mútuo.

Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade. (BEAUVOIR, 1949)

Se Christine de Pizan inaugura o feminismo ainda na Idade Média, Simone Bevoir, o consolida na Idade Contemporânea, percebendo a dimensão de sua força, na luta feminina, através do lançamento de seu livro o Segundo Sexo. Pois agora já não há mais dúvida de que a mulher tem todas as possibilidades de comandar sua própria vida e provar sua capacidade em todas as áreas do conhecimento e do poder. Seu livro causa uma grande polêmica, principalmente, por uma simples, mas impactante frase: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Várias reflexões e debates invadem os meios sociais rompendo com a crença das diferenças biológicas como característica da fragilidade e inferioridade feminina.

### **3.2. Os Movimentos Feministas**

Em toda época e no mundo inteiro, mulheres insurgiram contra o que não lhes agradavam. Há exemplos isolados de mulheres que sentiram na própria pele o peso de se rebelarem contra as injustiças sofridas.

Se na pré-história a capacidade de trazer ao mundo um novo ser, através do próprio corpo, significava poder e elevava a mulher à categoria das deusas, na era moderna, a “invenção da maternidade”, como bem apresentou Giddens, (1993), fez parte de um conjunto de influências que afetaram as mulheres a partir do final do séc. XVIII: o surgimento da ideia de amor romântico; a criação do lar, a modificação das relações entre pais e filhos trouxe, no final do séc. XIX um “declínio do poder patriarcal” com o “maior controle das mulheres sobre a criação dos filhos”, deslocando a “autoridade patriarcal para a afeição maternal” (Ryan *apud*. Giddens, *apud*, Scavone, 2001, p. 49), que na verdade, traçava um plano de submissão e clausura feminina.

Portanto, este período da história, nada de moderno acrescentou a vida da mulher, que já vinha desde a Antiguidade, passando pela Idade Média, sendo tratada como objeto e propriedade masculina, domesticada para cumprir tarefas no lar, intensificando aí, a ideia da inferioridade feminina e de sua incapacidade intelectual, reproduzida pelos discursos de vários seguimentos religiosos, sociais,

educacionais e políticos, representados pela família, pela igreja e pelo Estado, naturalizando a condição tutelada da mulher.

A família, primeira instituição social, garantia a ordem e a moral através da educação no lar, passada de pais para filhos. O pai, chefe da família, mantinha o controle da propriedade e de todos os membros do clã familiar, para que não se perdessem os laços de parentesco, o patrimônio e principalmente, o poder de decisão sobre a vida e morte dos filhos e da mulher.

Com ênfase nos discursos machistas segregou-se a mulher ao espaço privado, ao lar e as ocupações a ela determinadas.

Os homens perguntavam e eles mesmos respondiam: “O que quer a mulher?”, e através de suas ações respondiam: querem ser dominadas, infantilizadas e coisificadas. A elas não se dava o direito, sequer, de pensar em uma resposta.

Mesmo assim, elas começaram a responder, ainda que em voz baixa, com certo receio de lhes mandarem calar a boca: queriam votar, sair do espaço privado, ir para o espaço público, estudar e trabalhar fora, ter opinião própria e falar dos assuntos, até então ditos: “coisas de homem”.

Aproveitando-se do momento em que as famílias burguesas começaram a se desequilibrar, em face de uma nova estrutura familiar, que questionava a sexualidade apenas para a reprodução, onde novos horizontes se abriam para um prazer além da procriação, direcionando para as relações amorosas diversificadas, que fugiam ao convencional, deixando transparecer orientações homossexuais e relacionamentos extraconjugais, as manifestações feministas começaram a sinalizar uma transformação no modo de ver a mulher por elas mesmas, mais unidas, mais decididas e determinadas a por um fim na situação de sujeição e discriminação.

Na França, uma nova ideologia política incendia uma revolução que visa primordialmente os direitos humanos, preconizando com o lema liberdade, igualdade e fraternidade, libertar o homem de todo o jugo do absolutismo, concedendo-lhe o direito à vida e a propriedade.

Embora as mulheres tenham participado ativamente na revolução francesa, incentivando seus maridos e filhos, ficaram de fora da declaração dos direitos do homem, que não reconhecia os seus direitos. Ainda assim, as mulheres continuaram mobilizando forças para atingirem seus objetivos de liberdade e igualdade com os

homens, para verem-se reconhecidas como indivíduos que trabalhavam, pensavam e mereciam estar na sociedade sem distinção de sexo.

O movimento feminista começava a crescer, tomava volume. Caracterizava-se por produzir sua própria reflexão crítica e sua própria teoria. As militantes eram mulheres de classe média, que tiveram acesso a educação, nas áreas Humanas, da Crítica Literária e da Psicanálise, assim caminharam junto ação e teoria numa busca de melhor compreensão do movimento que deflagrava a luta pela igualdade entre homens e mulheres.

Com o crescimento da industrialização e da urbanização, a mulher começa a perceber as diferenças entre o que lhe é proibido e o que é permitido ao homem. Neste contexto, explode o movimento das sufragistas, em princípio, na Inglaterra e nos Estados Unidos, espalhando-se rapidamente para todos os outros países, onde as mulheres exigiam o direito de votar nas eleições para escolher seus governantes, tal como os homens já o faziam. Acrescentavam-se a esta exigência outras como direito à educação, a melhores condições de trabalho e salário, a aquisição de bens e propriedades, enfim todos os direitos políticos, econômicos, jurídicos, somados aos direitos sociais.

Já no século XX, em 1911, um acontecimento histórico evidencia a precariedade da condição feminina no trabalho industrial. Um incêndio em uma fábrica na cidade de Nova York mata mais de cento e trinta mulheres. Muitas lutas já vinham sendo travadas para a melhoria das condições de trabalho, inclusive com manifestação maciça da classe feminina, como é o exemplo das noventa mil mulheres na Rússia, no dia 08 de março de 1917, consagrando este dia como dia internacional da mulher, pela grande repercussão mundial deste levante contra as péssimas condições de trabalho, e a participação russa na primeira guerra mundial, ficando o movimento conhecido como “Pão e Paz”.

Há de se assinalar que o movimento feminista, não tinha adesão de todas as mulheres, principalmente nas classes mais inferiores, nas quais as mulheres não tinham acesso à educação e havia mais insegurança diante da pressão sofrida nos lares, e pelas autoridades, contudo, aquelas que eram trabalhadoras, que sentiam na própria experiência o que era opressão, humilhação e submissão, por carregar a feminilidade estampada em si, acabavam por se jogar na frente de combates que lhes custava a vida.

### 3.3. O Feminismo no Brasil

No Brasil, muito embora se tenha conhecimento, desde a entrada portuguesa em nossas terras, de mulheres que fizeram história, não havia uma coletividade feminina que aspirasse pela igualdade de direitos com os homens no período do descobrimento até o período imperial.

Não quer dizer que não havia mulheres dispostas a lutar pelos seus direitos, todavia, eram ações isoladas e com objetivos determinados. Um caso que confirma a presença da mulher em busca de um ideal de liberdade e respeito aos direitos humanos, é o de uma africana, de nome Aqualtune, princesa do Congo que foi trazida como escrava para o Brasil em 1665, após perder uma guerra em sua terra natal, quando liderou dez mil homens. Sua história de resistência e luta pela liberdade dos negros é lembrada até os dias atuais como um modelo de fortaleza feminina. Após fugir do cativeiro refugiou-se no Quilombo dos Palmares e assumiu a liderança do quilombo até que seus filhos e seu neto Zumbi pudessem prosseguir no combate à escravidão.

No Império, começou-se a pensar na educação da mulher, no entanto, isso não abrangia todas as mulheres, incluíam simplesmente às de classes média e alta.

A grande empreitada do feminismo brasileiro deu-se a partir do século XIX, quando mulheres inspiradas pela luta no mundo, principalmente, na França, Inglaterra e Estados Unidos começaram a unir-se para lutar pelos seus direitos.

Uma das primeiras mulheres feministas brasileiras nasceu no Rio Grande do Norte, em 1810. Seu nome verdadeiro era Dionísia Gonçalves Pinto, mas usava o pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta. Casou-se aos 13 anos, mas abandonou o marido e iniciou sua luta em prol das mulheres e seus direitos. Sua obra, inspirada na escritora inglesa Mary Wollstonecraft, “Direito das Mulheres e Injustiças dos Homens”, teve grande repercussão para o movimento feminismo brasileiro.

Céli Pinto, conforme apresentado por Clarícia Otto, em seu artigo “Feminismo no Brasil: suas múltiplas faces”, assinala dois momentos da história do feminismo no Brasil: o primeiro momento, entre o final do século XIX até 1932, quando as mulheres não estavam tão ativas na luta pela igualdade, mas pelo direito de votar e

inclusão na cidadania, o qual chamou de movimento “bem comportado”, era o nascimento das sufragistas brasileiras.

Bertha Lutz representou bem este momento como uma grande sufragista, paulista, nascida em 1894, bióloga, fundou a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, dando origem mais tarde à Federação Brasileira do Progresso Feminino em 1922. Era muito atuante na política e sua luta muito contribuiu para a liberação do voto feminino, conquistado em fevereiro de 1932, através de um decreto do então presidente Getúlio Vargas. Conseguiu ser eleita como suplente de deputado e legislou em favor das mulheres nas questões referentes ao trabalho feminino tais como: licença maternidade, redução de jornada de trabalho dentre outros.

A segunda etapa do movimento feminista brasileiro, denominado por Céli Pinto, "malcomportado", teve representantes de todas as classes, que lutavam não apenas pelo direito político, mas também pela educação, liberação sexual e divórcio. Segue-se um movimento mais ousado que é chamado por ela de "o menos comportado dos feminismos", por ser um movimento anarquista e envolvido com o comunismo, tendo como representante Maria Lacerda de Moura, uma escritora e militante, nascida em 1887 em Minas Gerais. Fundou em 1920, no Rio de Janeiro a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, sendo considerada uma das primeiras mulheres a se preocupar com o trabalho e a exploração das mulheres nas fábricas, não queria apenas o direito de votar como as sufragistas, ela ansiava pela igualdade em todos os âmbitos da vida social e política, criticava a repressão sexual e buscava desenvolver uma educação ampla direcionada a formação integral das mulheres. Um incentivo a emancipação feminina pode ser observada na seguinte frase: “sejamos as desertoras da família, as desertoras sociais, a individualista livre: para pensar e sonhar e viver em harmonia com a nossa própria consciência”. (Moura, 1934).

Maria Lacerda de Moura foi uma questionadora das leis, dos costumes e até do feminismo como se apresentava. Afirmava que algumas mulheres pregavam a igualdade e exploravam outras mulheres menos favorecidas economicamente, acusando-as de não romperem com o sistema, mas integrar-se a ele, pois entendia que não se poderia falar de emancipação feminina sem mudança da lei e da ordem social imposta. Acreditava que somente através da emancipação intelectual, com o desenvolvimento do pensamento crítico com acesso ilimitado a todo tipo de conhecimento haveria uma verdadeira libertação.

Algumas iniciativas femininas, neste primeiro período do feminismo, ficaram registradas, podendo citar a fundação do Partido Republicano Feminino, em 1910, e da Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF), em 1918. Contudo, o golpe de 1937, fez diminuir o grito feminino por alguns anos, vindo aparecer com maior força somente no final da década de 60, no que Celi Pinto chamou de o segundo momento, que se estende a partir de 1968, onde as brasileiras começam a questionar com mais firmeza a opressão do feminino no país.

O feminismo no Brasil reserva algumas características que o diferencia do resto do mundo, pois as mulheres brigavam pelo direito à cidadania, esmeravam-se pelo poder político, mas não ampliavam suas reivindicações pela igualdade plena e irrestrita em todos os âmbitos, continuavam desempenhando os papéis de dona de casa e submissão familiar.

Um nome se destaca nesse período como uma grande força feminina contra a ditadura de Vargas, Olga Benário, uma militante comunista alemã, que se torna segurança de Luiz Carlos Prestes, chega ao Brasil como sua esposa e inicia um trabalho de luta contra as injustiças sociais, sendo uma das líderes, juntamente com Prestes, do movimento para a derrubada do governo ditatorial. Sua história começa na Alemanha onde liberta um preso político e participa de vários manifestos e ações contra o nazismo. A ação do grupo fracassa. Olga e Prestes são presos, ela é deportada, grávida de sete meses, para a Alemanha, morrendo em um campo de Concentração. Sua coragem e determinação renderam-lhe muitas homenagens no Brasil e na Alemanha, através do batismo de escolas, nomes de ruas, etc.

Nise da Silveira nascida em 1905, uma psiquiatra brasileira, é outro nome que merece ser mencionado como uma pioneira na atenção aos doentes mentais. Lutou contra o modo como eram tratados os doentes, sendo contra o choque elétrico e outros métodos desumanos. Desenvolveu um trabalho através da arte, permitindo e incentivando os seus clientes a expressarem suas angústias e sofrimentos psíquicos através da pintura e da escultura, revelando-se uma terapia eficaz para o tratamento dos doentes mentais. Também experimentou a prisão na ditadura, após uma denúncia, por ter sob a sua guarda, escritos comunistas. Foi uma mulher que nunca recuou em seus propósitos e convicções.

Na década de 70, vive-se no Brasil uma opressão geral, homens e mulheres são torturados, silenciados e perseguidos, está instaurada a ditadura militar que não poupa qualquer indivíduo que queira emitir sinais de pensamento livre e crítico. Não

só os homens começam a resistir, mas também as mulheres se empenham em derrubar este regime e vão com muito ânimo criando suas resistências, diferenciando o feminismo comum para um feminismo armado e disposto não somente a lutar pela igualdade de gênero, mas, principalmente, pela liberdade de expressão em todos os níveis, independente de sexo e classe.

Nasce um feminismo contemporâneo, que se constitui como uma força política, militando em prol de toda a classe de oprimidos. Um evento marca este novo momento: o congresso promovido pelo Conselho Nacional da Mulher, tendo a frente advogada Romy Medeiros e mulheres começam a reunirem-se em São Paulo e no Rio de Janeiro, para discutirem o rumo da sua luta.

É um período conturbado de incertezas e confuso nos objetivos, querendo muitas vezes a mulher se colocar em um lugar de igualdade no comportamento masculino, embrutecendo-se e fazendo da rigidez uma demonstração de fortaleza para confirmar equidade dos sexos e gênero.

A luta contra a ditadura e a influência do comunismo traz uma particularidade que se reverterá para outras esferas da conquista de igualdade de direitos. Apesar da ditadura, o país começou a evoluir e se modernizar oportunizando a educação e alargando o campo de trabalho feminino, produzindo mulheres críticas, melhor preparadas, para avançar em busca de um espaço na sociedade.

Com a invenção da pílula anticoncepcional, proporcionando a escolha pela maternidade e número de filhos, permitindo a mulher fazer uso do seu corpo afetivamente e sexualmente, como bem lhe aprazia, e ainda a oficialização do Dia Internacional da Mulher pela ONU, em 1975, trouxe enfim, uma luz que apontava para um reconhecimento do público feminino, senão em condições de igualdade, pelo menos de existência e incômodo no que os diferenciava do público masculino.

A igreja católica abre um espaço para a mulher, contando com o seu auxílio, para o combate ao regime autoritário, surgindo a Teologia da Libertação, que faz da mulher um agente participativo comandando reuniões entre classes e com organizações com lideranças comunitárias, que vão pouco a pouco conscientizando a população mais desfavorecida dos seus direitos, e por aí a fresta para a emancipação feminina com apoio da própria religião, que antes pregava a passividade e submissão feminina. Rose Marie Muraro foi uma das mais importantes feministas da década de 70. Era cega, mas desconhecia limites físicos e intelectuais para propagar suas ideias, que influenciavam não somente as mentes femininas,

mas também a alguns homens que viam nela a impulsividade que trazia mudanças. Juntou-se ao movimento da igreja católica na Teologia da Libertação, trabalhando diretamente com Leonardo Boff. Escreveu mais de 40 livros, nos quais a temática da mulher esteve sempre presente, denunciando os abusos e a opressão feminina. Falava diretamente o que pensava, desconstruindo antigos valores e reconstruindo ideias, que se propagavam atingindo seus objetivos ainda que contrariando a sociedade machista e autoritária de sua época. Foi reconhecida em 1994 como a Patrona do Feminismo Brasileiro pela União Brasileira de Escritoras, dentre muitas outras indicações e prêmios recebidos.

O Estado se vê obrigado a criar políticas públicas pressionado pelas comunidades de base que se organizam nos bairros e exigem uma melhoria no atendimento do público na maioria feminino e de crianças para a promoção do bem estar social. Então, nesta onda, a mulher vai galgando degrau por degrau o atingimento de seus objetivos de se ver em grau de igualdade ampliando seus desafios.

### **3.4. A Reação Masculina às Conquistas Femininas**

Da mesma forma que, na Idade Moderna os homens faziam a pergunta: “afinal o que quer uma mulher?”, eles vêm, outra vez, com uma nova pergunta: “que realmente quer a mulher?” Agora ela responde, com todas as letras: Ser livre, pensar, agir, ser dona de si, estudar, trabalhar, mostrar todo o seu potencial e dizer que é um ser perfeito em sua anatomia, que a biologia não a fez defeituosa, mas como um ser que completa e precisa ser completada por outro ser, em grau de igualdade, lado a lado e não mais abaixo, de outro, que lhe obriga, oprime e regula suas ações e reações.

Então? Como agir diante de tudo isto? Dá medo, insegurança, revolta. Alguma coisa precisa ser feita, como reagir, para que as mulheres não “dominem” e avancem mais do que “devem”? E o que devem e o que podem? Quantas dúvidas, quantas questões.

Apreendi comigo mesmo e com outros homens que é muito difícil realizar o esforço para completar a revolução feminista e a revolução masculina que deve acompanhá-la para que se estabeleça a igualdade e a independência

para ambos os sexos. É difícil porque o poder está envolvido, tanto na vida pública como nos relacionamentos individuais. (ASTRACHAN, p.27, 1989)

Fazia se necessário repensar o movimento feminino, a mulher no espaço público, o lugar que estava ocupando ou desejava ocupar. Pesquisas, muitos estudos e discussões sobre o assunto surgiam em todos os campos: sociais, políticos, científicos e econômicos, para reorganizar a sociedade.

A mulher se fortalecia e se apresentava ao mundo e não pedia licença, impunha sua presença como ser social. Obrigava o próprio homem a se ver de um modo diferente, a se redescobrir e mudar algumas atitudes e reconhecer o poder feminino.

O movimento feminista é uma realidade na contemporaneidade e se apresenta como uma revolução pacífica, mas não passiva, pois, desafia o poder masculino.

Astrachan, (1989), em sua obra “Os que os Homens Sentem”, fala das transformações que estes movimentos causam, os quais fazem brotar nos homens sentimentos negativos e positivos.

Uma grande massa resiste e demonstra grande insatisfação, desenvolvendo uma mistura de sentimentos que vão desde a raiva, o medo, a ansiedade, a inveja, até a vergonha e culpa, pois algo muito perigoso poderá surgir dessas mudanças e os homens não conseguem mais exercer o controle total.

Quando percebem uma mulher desenvolvendo uma função, na maioria exercida por homens, sentem-se em competição, e por não suportarem que uma mulher possa superar o homem em alguma atividade, percebem-se impotentes e reagem com extrema hostilidade e machismo.

Na maioria o que temem é a perda do poder, que pode ser estendido além do que se refere ao poder do Estado, ou seja, das relações pessoais que possam determinar e definir padrões sociais, enfraquecendo o domínio masculino em diversas áreas, exemplificando aqui como principais, a economia e a política.

Astrachan (1989, p. 29), elenca três padrões de comportamento masculino que identificam a reação dos homens quando percebem o poder feminino, são eles: a hostilidade seja grosseira e física, ou sutil e maquiavélica; o abandono ou rejeição da realidade da competência das mulheres no trabalho; sendo a mais fascinante, a compulsão para dar às mulheres títulos que facilitam um tratamento diferenciado,

que lhes tira o poder, quais sejam: de freiras ou prostitutas, esposas ou amantes, filhas ou irmãs ou mães.

Tudo isto são estratégias para lidar com a dificuldade de identificar a mulher com uma função historicamente masculina, pois dessa forma o sentimento de castração e impotência aflora e causa confusão de identidade, tornando o ego fragilizado diante disso.

Alguns homens conseguem apresentar sentimentos positivos de comportamento, sendo apontados três tipos por Astrachan, (1989, p. 30): a aceitação quando o homem aceita que a mulher trabalhe, justificando a necessidade de complementar a renda familiar, e assim reprime o sentimento de que deveria ser o único mantenedor. Outro tipo é o apoio que aparece quando é sugerido pela mulher a divisão das atividades do lar, incluindo os cuidados com os filhos que por falta de argumentos, já que esta contribui financeiramente no lar, tem a concordância do marido; e por último, a associação quando se identifica, em atitudes e sentimentos, com a mulher que realiza atividades externas, declaradas masculinas, e por esta razão demonstra orgulho e admiração por ela.

Embora com grande carga emocional, muitos homens encontram satisfação e recompensas nas mudanças que estes movimentos feministas estão provocando, porque compreendem que isso traz mais benefício a ambos do que os conflitos travados pela resistência às mudanças.

Vale ressaltar os tipos masculinos apresentados por Astrachan, (1989, p.31), quanto à reação ao movimento feminista, são eles: os antagonistas que se prevalecem da religião ou da biologia para justificar a sua posição; os ambivalentes que reconhecem a legitimidade da luta feminina, mas se desviam sempre que podem de conviver com mulheres com esse perfil; os pragmatistas que dizem não serem favoráveis aos direitos iguais, mas apresentam opções que poderiam dar resultado caso a mulher estivesse no poder, e por fim, os defensores da liberdade feminina e de direitos iguais, que são sensíveis aos desejos femininos e dividem as responsabilidades com suas mulheres no lar e na criação dos filhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Também há de se pensar que enquanto não nos libertarmos de conceitos tautológicos e reducionistas, como identidades de gênero (masculinidade de feminilidade) ou identidades sexuais (heterossexualidade, bissexualidade, homossexualidade), ou seja, enquanto não aprendermos a respeitar as nossas singularidades, construídas através da diversidade histórica, social e cultural em que vivemos, enquanto não nos respeitarmos enquanto sujeitos, não conseguiremos respeitar também nossas construções singulares e identitárias, indiferente se sejamos homens ou mulheres, independente das nossas particularidades anatômicas, independente dos nossos desejos afetivos e sexuais, independente, até mesmo, do papel social que exercemos no nosso dia a dia. (Silva, 1999 p.14).

Desde os tempos remotos, a mulher sustentou a culpa por todos os acontecimentos, inclusive da natureza, quando era considerado um ser capaz de trazer azar para as colheitas, de enfurecer os deuses e ainda impura pelas manifestações naturais do seu corpo. Ela foi sempre acusada de responsável por todos os sofrimentos da humanidade e acreditava-se que deveria ser castigada e assumir todos os fardos rejeitados pelo homem. Durante toda a história, praticamente todas as mulheres, estiveram submissas aos comandos e caprichos dos homens, como filhas, esposas, sogras e mães; em qualquer papel sempre deviam obediência a um ser do sexo masculino. Algumas mulheres não suportavam tal julgo e se revoltavam. As que permaneciam fortes conseguiram destaque na história, outras sucumbiram punidas ou mortas, pelo atrevimento de quererem direitos, ainda que não iguais aos dos homens, mas apenas direitos. Com o passar dos tempos, mais e mais mulheres começaram manifestações isoladas, que foram tomando corpo, conquistando algumas mudanças, por generosidade masculina ou fruto dessas lutas.

A verdade é que a mulher ganhou espaço fora do lar e sentiu-se em condições de competir profissionalmente, tal qual nas decisões do lar com os maridos. O resultado dessa conquista trouxe, no entanto, mais dilemas do que soluções, pois, se queriam os direitos, teriam que suportar novos deveres, ou seja, não deixaram de ter os antigos, mas acrescentaram outros àqueles já assumidos. Assim, as mulheres, de hoje, sentem-se sobrecarregadas com as duplas ou triplas jornadas pelas funções que acumulam. No lar, é mãe e esposa, com todas as exigências destes encargos; no trabalho, é a profissional que mostra competência, responsabilidade e produção, para que possa permanecer na atividade e ganhar o

seu próprio dinheiro, deixando a dependência financeira de antes. Pois bem, cumprir uma jornada de trabalho, na maioria das vezes, de oito horas diárias, em seguida chegar a casa e ter que assumir a outra jornada de mãe e de esposa, é uma tarefa desgastante e complicada, para não dizer quase impossível. Ocorre que, ela não quer voltar à condição anterior de submissa, dependente e considerada incapaz, porque estaria se reduzindo ao que suas ancestrais viveram e de nada adiantaria a tão difícil conquista. Então, precisa dar conta de tudo, mostrar que tem capacidade de permanecer em suas atividades, mas muitas não conseguem abrir mão da maternidade e não querem esquecer-se como esposa, até porque, o marido está ali de prontidão, cobrando, lembrando que existe e necessita de seus préstimos, assegurando-lhe dos seus deveres de esposa e fêmea.

Como dito acima, é quase impossível cumprir todas as tarefas assumidas de mãe, esposa e profissional. Mesmo separadas, ninguém consegue uma perfeição nas referidas incumbências, e, portanto, a mulher que tenta acumular as três funções, começa a perceber a dificuldade e suas falhas, então entra em conflito com os envolvidos nesta dinâmica, principalmente, com ela própria, experimentando, sentimentos constantes de culpa, remorso, etc., que vão construir a sua subjetividade, causando perturbações emocionais, muito dolorosas, que ocasionam distúrbios psíquicos e somáticos, tão acentuados na mulher contemporânea.

Os filhos crescem rápido, e na adolescência, começam a cobrar a presença da mãe, são egoístas, querendo alguém que lhes permita todos os seus desejos e caprichos que ela, sentindo-se culpada pela ausência, pelas horas que passa fora de casa, acaba por ceder em muito, e também por isso, culpa-se por uma educação e atenção suficiente. Por outro lado, os filhos não enxergam suas mães como gente, capaz de errar, ter sofrimentos e sentimentos. Querem sempre mais delas, e elas, mais e mais culpadas, vão esquecendo-se. De repente, eles se tornam independentes, saem de casa e elas se veem sem sentido para a vida, incompletas, porque não conseguiram fazer tudo que sonharam ou planejaram. Todos fizeram as suas vidas como quiseram sem qualquer remorso. Essa mulher que julga ter feito o máximo, com renúncias, se dando apenas pequenos luxos, com toda a culpa de se permitir fazer, ousar, querer e gostar algo fora da família, encontra-se já sem forças para recomeçar, de onde parou lá atrás, quando ainda era um ser singular e não a pluralidade que se tornou. Ela espera, no mínimo, reconhecimento, ser admirada

não só como uma lutadora, mas também como uma vencedora, para assim, passar por essas fases sem comprometimento emocional e psíquico.

Esse ser feminino necessita de equilíbrio para entender os seus limites, admitir as possíveis dificuldades e compreender as suas condições humanas, usando para si a benevolência que tanto fez uso para os outros, compreendendo que se não deu certo, não foi culpa sua, apesar das acusações apontadas em sua direção. Do contrário, entrará em sofrimento profundo, com a sensação de que caiu em uma armadilha, não sendo capaz de cumprir com perfeição as suas múltiplas funções, bem como, porque deixou a vida correr sem atender as suas próprias expectativas.

Em alguns seguimentos da sociedade, a mulher contemporânea conquistou seus direitos, porém, não abandonou seus deveres, continua coordenando as atividades do lar, ainda sendo discriminada em alguns grupos sociais. A religião continua a ditar regras de boa conduta e submissão para muitas. Outras se rebelam e vão à luta.

O que se tem hoje é uma mulher independente, que pensa por si, que comanda o seu corpo, decide quando quer ter filhos, se quer casar e com quem quer viver. Ela não precisa de um sobrenome e de um tutor.

Por todas as “permissões”, paga um preço alto, não tem mais proteção e precisa se superar para mostrar capacidade em igualdade com os homens. É mais cobrada e menos gratificada, por querer direitos iguais.

Diferentemente do homem, ela está em todo momento, no seu local de trabalho, sendo julgada e comparada aos homens, como se estivesse em uma competição para ver quem é melhor.

Ouve não só dos homens, mas das próprias mulheres que não deveria agir de determinada forma ou executar certas tarefas. É discriminada por não querer submeter-se a certas conveniências sociais, por não aceitar ser culpada pela agressão sofrida, por entender que pode vestir-se e ir a qualquer lugar que é frequentado pelo público masculino. E ainda, por acreditar que o casamento não é uma obrigação e destino feminino.

No aspecto da vida sexual está liberada, mas ainda condenada nos excessos e, por vezes, cobrada para que manifeste toda a sexualidade para atrair, agradar e permanecer desejada pelo parceiro, pois do contrário, será substituída por outra que possa corresponder aos anseios masculinos de permissividade e até iniciativas nas

práticas sexuais, agora, demonstrando o prazer, a criatividade e desejo incontrolável. Ficando mais uma vez responsável pelo sucesso do relacionamento e da conquista do parceiro. Na verdade, continua numa relação de poder e submissão, mas por opção do que por sujeição.

O homem está também se libertando de conceitos e pode admitir fraqueza, emoção, reconhecer suas dificuldades e aplaudir potencialidades reveladas na mulher.

Mas estavam todos os homens preparados para esta nova visão de si, bem como da mulher emancipada?

Não, muitos entraram em crise e permanecem até os dias atuais.

Não se trata hoje de sexo masculino ou feminino, e sim de uma pluralidade de gêneros que definem cada ser de acordo com a posição ou orientação que se manifesta, independente do querer ou da imposição da sociedade. Cada um define-se por uma configuração natural, a qual se vê identificado, independente de ter nascido com a genitália representativa do masculino ou do feminino biologicamente. O que poderá fazer com que as escolhas sejam mais pela afetividade e identificação, do que pelas características do ser masculino ou ser feminino.

A Psicanálise já conduzia a esta conclusão quando afirmava que havia no indivíduo uma bissexualidade, sendo o direcionamento na idade adulta para o gênero masculino ou feminino de acordo com as consequências das vivências desde o nascimento.

Este ser, que até tempos recentes, vivia em um mundo paralelo, que não saia de casa e falava quando lhe permitiam, só fazia o que lhe era autorizado, tudo respaldado por leis que priorizavam o masculino, de repente, está no mundo público, exercendo posições, profissões, trabalhando e estudando quando e onde quer. Inventando e criando novos produtos, novos padrões de vida, uma nova forma de ver, sentir e se vestir, investindo em si, permitindo-se, dizendo que pode, que quer, que deseja e vai à luta, não pedindo, nem avisando, simplesmente fazendo.

O homem atual encontra-se em uma situação de desconforto em alguns seguimentos, por imposição social que não o preparou para aceitar a igualdade feminina, e também por cobrar-lhe algumas posturas creditadas ao masculino. Vê-se então, uma quantidade de homens e mulheres sendo vítimas de si mesmos, por uma cultura social que ainda obriga os homens a certas decisões, e por outro lado faz com que as mulheres se acomodem a situações que lhe sejam favoráveis, por

não se perceberem apenas como indivíduo, acreditando-se ainda mulheres frágeis e necessitadas de proteção.

No Brasil, ainda ficam alguns pontos importantes a serem conquistados tais como a legalização do aborto e a não discriminação no trabalho onde as mulheres ainda não compartilham em igualdade de posições profissionais e salários compatíveis, sendo ainda preferidos os homens em muitos cargos e tendo as mulheres que provarem com grande esforço sua capacidade para ocupar certos lugares dentro de algumas instituições.

Concluindo, fica a pergunta: o que define a mulher de hoje, qual a sua identidade, o que é a mulher?

Foi através da literatura que a mulher encontrou um espaço para se manifestar em seus anseios e abriu uma brecha para se colocar no mundo público, iniciando o movimento de identificação do feminino para então construir a sua identidade.

A identidade feminina vinha se construindo historicamente, influenciada por dogmas religiosos, contaminada por uma ideologia masculina, sem uma representação isenta de uma cultura, que transformou a mulher em um ser sem identidade própria, fragmentada e defeituosa, sendo apenas o lado oposto do que não era o homem. Diferentes vertentes psicológicas apresentam a mulher como um ser diferente, misterioso e complexo por estarem ainda presas ao contexto masculino.

Em um determinado momento, as mulheres perceberam o que lhes ocorria e iniciaram um processo de reconstrução de sua identidade, buscando dizer o que eram, a partir do que sentiam e não do que as contradizia, construindo suas próprias representações.

O momento histórico e contexto social foram moldando a subjetividade feminina, deixando pouco espaço para que pudessem se definir sem que incorporassem as ideias preconcebidas, pois ao nascer já tinham toda a sorte traçada pelos pais, inclusive a rejeição pela feminilidade. Como então romper com os padrões tradicionais já fixados para toda a sua vida?

A identidade feminina precisa ser compreendida em toda a sua pluralidade, ora se multiplicando, ora se dividindo em diversos papéis: a mãe, a profissional, a esposa, a estudante e a simples pessoa, sem qualquer qualificação que a limite ou classifique. Não existe uma essência ou uma característica física para definir a

identidade feminina, o que há é uma interação que acontece desde o nascimento, na forma como é cuidada e vista, do que lhe é inculcido como valores, costumes, possibilidades e oportunidades. De acordo com as exigências sociais e o lugar que lhe é reservado, separada pela característica biológica de macho ou fêmea, direcionando-a para o desenvolvimento de sua identidade nos padrões já estabelecidos.

Podemos dizer assim, que Simone Beauvoir acerta quando diz que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, ou em outras palavras, as mulheres são inclinadas para modelos que as fazem assumir as posturas já determinadas, sem opções de escolha. Para Beauvoir, não existe um segundo sexo ou o outro, por processos naturais, e sim por fatores sociais e históricos, que resultam no que definem a identidade do ser mulher. Para ela não existe o “eterno feminino” como uma essência que já vem com a menina ao nascer, mas uma construção cultural limitante.

## Referências

- ALCORÃO. Fonte digital: Centro Cultural Beneficente Árabe Islâmico de Foz do Iguaçu. Versão para Rocket Edition™. LCC Publicações Eletrônicas. Disponível em: <<http://www.islam.com.br>>. Acesso em: 12 nov 2016.
- ARAN, Márcia. **Lacan e o feminino: algumas considerações críticas**. São Paulo: *Nat. hum.*. 2003, vol.5, n.2, pp. 293-327. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org>> . Acesso em: 11 nov. 2016.
- ASTRACHAN, Anthony. **Como os homens sentem: sua reação às reivindicações femininas de igualdade e poder**. Tradução de Claudia Gerpe Duarte – Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989.
- AZIM, Sherif Abdel, **A Mulher no Islam: Mito e Realidade**, Federação das Associações Muçulmanas do Brasil, São Paulo: Reformers, 1995.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980.
- BERNARDO, Terezinha. Candomblé: identidades em mudança. **Revista Nures**, Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, nº 7, 2007. Disponível em: < <http://www.pucsp.br/revistanures>>. Acesso em: 25 nov. 2016.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral, São Paulo: Paulus, 2004.
- BUKKIO DENDO KYOKAI (Fundação para propagação do Budismo). **A Doutrina de Buda**. 1ª Ed. Revista, Tóquio: Minato-ku, 1978.
- CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. **A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Cristine de Pizan/** Luciana Eleonora de Freitas Calado. 368 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura)- Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.
- CARRERA, José Nunes. A Mulher no Antigo Egípto. In: **Atlas dos Colóquios sobre a temática da Mulher: A Mulher na História**. Organização e Introdução: SANTOS, Maria Clara Curado. Edição Câmara Municipal da Moita /Departamento de Acção Sócio-Cultural: 1ª Edição, p. 11-25, 2001. Disponível em: < <http://www.academia.edu>>. Acesso em: 18 mar. 2016.
- CÂMARA, Fernando Portela. Vida e obra de Nise da Silveira. **Revista Brasileira de Saúde Mental**, v. 12 (número especial), 1966. Disponível: <http://www.polbr.med.br>>. Acesso em: 16 dez. 2016.
- DEL PRIORE, Mary (org.); Bassanezi, Carla (coord. De textos) **História das mulheres no Brasil**, 8ª. ed. – São Paulo : Contexto, 2006.
- DEWARAJA, Lorna Srimathie. **A Posição das Mulheres no Budismo**, 1994. Tradução: Davi Coêlho, 2013. Disponível em: <[luzdodhamma.blogspot.com](http://luzdodhamma.blogspot.com)>. Acesso em: 25 nov 2016.

DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das Mulheres: Do Renascimento à Idade Moderna**. Sob a direção de DAVIS, Natalie Zemon, FARGE, Arlette. Coleção História das Mulheres no Ocidente, Vol. 3, Porto: Afrontamento, 1994.

FADMAN, James, FRAGNER, Robert, **Teorias da Personalidade**, tradução de Camila Pedral Sampaio, Sybil Sofdié, São Paulo: Editora Harper & Row do Brasil Ltda, 1979.

FIGUEIREDO, Luis Claudio Mendonça, SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. **Psicologia: uma (nova) introdução**. São Paulo: Educ, 1997.

FONTENELE-MOURÃO, Tânia M. **Mulheres no topo de carreira: flexibilidade e persistência**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006. 92p. Disponível em: < <https://www12.senado.leg.br>>. Acesso em: 10 nov 2016.

FREUD, S. **Três Ensaios sobre a Sexualidade Infantil** (1905). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **Sexualidade feminina** (1931). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUENTES, Maria Josefina Sota. **As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino**. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível: <[www.teses.usp.br](http://www.teses.usp.br)>. Acesso em: 12 nov.2016.

GRACIANO. Marília. **Contribuições da Psicologia Contemporânea para a Compreensão do Papel da Mulher**. Cadernos de Pesquisa/15. Fundação Carlos Chagas, 1975, p. 145/150. Disponível em < [www.fcc.org.br](http://www.fcc.org.br)>, Acesso em 12 dez 2016.

GRUEN, Arno. **Falsos deuses**: sobre o amor, o ódio à dificuldade da paz. Editora Paz Ed., 1997.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**. V. 11:1. Petrópolis: Vozes Limitada, 2011.

KLEIN, Emma. O papel feminino nas religiões. **Dom Total**, Minas Gerais, 10 ago. 2013, Religião. Disponível em: <[domtotal.com](http://domtotal.com)>. Acesso em: 25 nov 2016.

LANDES, Ruth. **A Cidade das Mulheres**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

MANUSRTI. **Código de Manu** (200 A.C. e 200 D.C.). Disponível em: <<http://www.ufra.edu.br>>. Acesso em 12 nov 2016.

MARCELINO, Giovanna Henrique. **As Sufragistas: reflexões sobre o passado e o presente de luta das mulheres**. Juntos: Organize sua Indignação. 2016. Disponível em: <<https://juntos.org.br>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

MAYER, Elizabeth Lloyd. Apêndice Apreciação da psicologia da mulher nas teorias da personalidade: Freud, Reich, Adler e Jung e Bibliografia comentada sobre a psicologia da mulher. In: **Teorias da Personalidade**, FADMAN, James, FRAGNER. Tradução de Camila Pedral Sampaio & Sybil Sofdié. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda, 1979.

MESSIAS, Mari. **Mulheres Maravilhosas: Maria Lacerda de Moura**. Disponível em: <http://lugardemulher.com.br>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

MORAIS, Fernando. **Olga**. 16ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOURA, Maria Lacerda de. Viver Harmoniosamente. In: **Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica**. p. 81-90, São Paulo: Barricada Libertária, 1934.

MURARO, R. M. **A mulher no terceiro milênio**: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. 5. Ed. Rio de Janeiro: Record- Rosa dos tempos, 1997.

NERI, Christiane Soares Carneiro. Feminismo na Idade Média: conhecendo a cidade das damas. **Gênero & Direito**. V. 2, n. 1, 2013 Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br>>. Acesso em: 10 out. 2016.

OTTO, Claricia. O feminismo no Brasil: suas múltiplas faces. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol.12, n.2, pp.238-241, 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 177, 1988.

POWELL, Jim. **Biografia: Mary Wollstonecraft**. Instituto Ordem Livre, 2008. Disponível: <<http://ordemlivre.org>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

REICH, Wilhelm. **A Função Do Orgasmo**: Problemas Econômico-Sexuais da Energia Biológica. Tradução: Maria da Glória Novak. São Paulo: Brasiliense, 9ª Edição, 1975.

SANTOS, Valdinéia Oliveira. Mulher de casa e de candomblé. **Revista África e Africanidades**, Ano 4, n.16 e 17, 2012. Disponível em: <[www.africaeaficanidades.com](http://www.africaeaficanidades.com)>. Acesso em: 24 set. 2016.

SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 8-15, Sept. 2000. Disponível em <<http://www.scielo.br/>> Acesso em 02 dez.2016.

SOUSA, Rainer. **Feminismo no Brasil**. Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/feminismo.htm>>. Acesso em: 24 set. 2016.

SOUZA, Felipe. **Adler: Superioridade e Inferioridade** – O Homem e a Mulher, 2014. Disponível em: <<http://www.psicologiamsn.com>>. Acesso em: 24 set. 2016.

SOUZA, Itamar. A Mulher e a Revolução Francesa: participação e frustração. **Revista da FARN**, Natal, v.2, n.2, p. 111 -124 2003. Disponível:<<http://www.revistaunirn.inf.br>>. Acesso em: 24 set. 2016.

UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA. Disponível em: <<http://feminismo.org.br>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

ZUCCO, Luciana, LISBOA, Teresa Kleba. Rose Marie Muraro: uma mulher impossível. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol.22, n.2, pp.563-564, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

## **Anexo 1 - Declaração Dos Direitos Da Mulher E Da Cidadã – 1791**

**Olympe de Gouges**  
(França, Setembro de 1791)

Este documento foi proposto à Assembleia Nacional da França, durante a Revolução Francesa (1789-1799). Marie Gouze (1748-1793), a autora, era filha de um açougueiro do Sul da França, e adotou o nome de Olympe de Gouges para assinar seus panfletos e petições em uma grande variedade de frentes de luta, incluindo a escravidão, em que lutou para sua extirpação. Batalhadora, em 1791 ela propõe uma Declaração de Direitos da Mulher e da Cidadã para igualar-se à outra do homem, aprovada pela Assembleia Nacional. Girondina, ela se opõe abertamente a Robespierre e acaba por ser guilhotinada em 1793, condenada como contra revolucionária e denunciada como uma mulher "desnaturada".

### **PREÂMBULO**

Mães, filhas, irmãs, mulheres representantes da nação reivindicam constituir-se em uma assembleia nacional. Considerando que a ignorância, o menosprezo e a ofensa aos direitos da mulher são as únicas causas das desgraças públicas e da corrupção no governo, resolvem expor em uma declaração solene, os direitos naturais, inalienáveis e sagrados da mulher. Assim, que esta declaração possa lembrar sempre, a todos os membros do corpo social seus direitos e seus deveres; que, para gozar de confiança, ao ser comparado com o fim de toda e qualquer instituição política, os atos de poder de homens e de mulheres devem ser inteiramente respeitados; e, que, para serem fundamentadas, doravante, em princípios simples e incontestáveis, as reivindicações das cidadãs devem sempre respeitar a constituição, os bons costumes e o bem estar geral.

Em consequência, o sexo que é superior em beleza, como em coragem, em meio aos sofrimentos maternos, reconhece e declara, em presença, e sob os auspícios do Ser Supremo, os seguintes direitos da mulher e da cidadã:

#### **Artigo 1º**

A mulher nasce livre e tem os mesmos direitos do homem. As distinções sociais só podem ser baseadas no interesse comum.

#### **Artigo 2º**

O objeto de toda associação política é a conservação dos direitos imprescritíveis da mulher e do homem. Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e, sobretudo, a resistência à opressão.

#### **Artigo 3º**

O princípio de toda soberania reside essencialmente na nação, que é a união da mulher e do homem nenhum organismo, nenhum indivíduo, pode exercer autoridade que não provenha expressamente deles.

#### **Artigo 4º**

A liberdade e a justiça consistem em restituir tudo aquilo que pertence a outros, assim, o único limite ao exercício dos direitos naturais da mulher, isto é, a perpétua tirania do homem, deve ser reformado pelas leis da natureza e da razão.

#### **Artigo 5º**

As leis da natureza e da razão proíbem todas as ações nocivas à sociedade. Tudo aquilo que não é proibido pelas leis sábias e divinas não pode ser impedido e ninguém pode ser constrangido a fazer aquilo que elas não ordenam.

#### **Artigo 6º**

A lei deve ser a expressão da vontade geral. Todas as cidadãs e cidadãos devem concorrer pessoalmente ou com seus representantes para sua formação; ela deve ser igual para todos.

Todas as cidadãs e cidadãos, sendo iguais aos olhos da lei devem ser igualmente admitidos a todas as dignidades, postos e empregos públicos, segundo as suas capacidades e sem outra distinção a não ser suas virtudes e seus talentos.

#### **Artigo 7º**

Dela não se exclui nenhuma mulher. Esta é acusada, presa e detida nos casos estabelecidos pela lei. As mulheres obedecem como os homens, a esta lei rigorosa.

#### **Artigo 8º**

A lei só deve estabelecer penas estritamente e evidentemente necessárias e ninguém pode ser punido senão em virtude de uma lei estabelecida e promulgada anteriormente ao delito e legalmente aplicada às mulheres.

#### **Artigo 9º**

Sobre qualquer mulher declarada culpada a lei exerce todo o seu rigor.

#### **Artigo 10**

Ninguém deve ser molestado por suas opiniões, mesmo de princípio. A mulher tem o direito de subir ao patíbulo, deve ter também o de subir ao pódio desde que as suas manifestações não perturbem a ordem pública estabelecida pela lei.

#### **Artigo 11**

A livre comunicação de pensamentos e de opiniões é um dos direitos mais preciosos da mulher, já que essa liberdade assegura a legitimidade dos pais em relação aos filhos. Toda cidadã pode então dizer livremente: "*Sou a mãe de um filho seu*", sem que um preconceito bárbaro a force a esconder a verdade; sob pena de responder pelo abuso dessa liberdade nos casos estabelecidos pela lei.

#### **Artigo 12**

É necessário garantir principalmente os direitos da mulher e da cidadã; essa garantia deve ser instituída em favor de todos e não só daqueles às quais é assegurada.

### **Artigo 13**

Para a manutenção da força pública e para as despesas de administração, as contribuições da mulher e do homem serão iguais; ela participa de todos os trabalhos ingratos, de todas as fadigas, deve então participar também da distribuição dos postos, dos empregos, dos cargos, das dignidades e da indústria.

### **Artigo 14**

As cidadãs e os cidadãos têm o direito de constatar por si próprios ou por seus representantes a necessidade da contribuição pública. As cidadãs só podem aderir a ela com a aceitação de uma divisão igual, não só nos bens, mas também na administração pública, e determinar a quantia, o tributável, a cobrança e a duração do imposto.

### **Artigo 15**

O conjunto de mulheres igualadas aos homens para a taxaçoão tem o mesmo direito de pedir contas da sua administração a todo agente público.

### **Artigo 16**

Toda sociedade em que a garantia dos direitos não é assegurada, nem a separação dos poderes determinada, não tem Constituição. A Constituição é nula se a maioria dos indivíduos que compõem a nação não cooperou na sua redação.

### **Artigo 17**

As propriedades são de todos os sexos juntos ou separados; para cada um delas elas têm direito inviolável e sagrado. Ninguém pode ser privado delas como verdadeiro patrimônio da natureza, a não ser quando a necessidade pública legalmente constatada o exija de modo evidente e com a condição de uma justa e preliminar indenização.

## **CONCLUSÃO**

Mulher, desperta. A força da razão se faz escutar em todo o Universo. Reconhece teus direitos. O poderoso império da natureza não está mais envolto de preconceitos, de fanatismos, de superstições e de mentiras. A bandeira da verdade dissipou todas as nuvens da ignorância e da usurpação. O homem escravo multiplicou suas forças e teve necessidade de recorrer às tuas, para romper os seus ferros. Tornando-se livre, tornou-se injusto em relação à sua companheira.

## Anexo 2- Viver Harmoniosamente...

A covardia mental é a mais poderosa das armas reacionárias. O caminho único do gênero humano, si não queremos ser devorados pela reação, pejada de violência científica e tecnocracia – é a “suprema resistência” à covarde domesticidade e à imbecilidade humana, aos exploradores da consciência, aos vendilhões de todos os templos.

Não sejamos livres-pensadores de rebanho, desses que protestam entre amigos, no seio da família ou nos recintos das Lojas teosóficas ou maçônicas, mas, casam-se na Igreja, são devotos de Santa Terezinha, batizam os filhos, servem de padrinhos e testemunhas de casamentos, mandam rezar missas pelos seus mortos, celebram funeral religioso, confessam-se. Comungam na hora das aperturas, ou dão dinheiro para as cerimônias da Igreja, sob a capa covarde de dever social.

E, o que é pior, educam os filhos nos colégios religiosos e assistem à sua primeira comunhão – porque é “chic” e elegante e pretexto para reuniões mundanas. A cada instante, ouço dizer que nem sempre a família está disposta a acompanhar os militantes.

E conheço delas que são a negação absoluta das doutrinas pregadas pelos seus chefes. Entretanto, tais militantes procuram ardorosamente fazer prosélitos e exigir que outros companheiros e principalmente outras companheiras se comprometam pela causa que eles defendem.

Essa incoerência equivale à do que prega para o público, reservando-se o direito de não seguir os seus próprios conselhos.

Si a minha família não quer ou não pode seguir os meus sonhos de libertação humana, um dilema traça à minha consciência uma base de conduta. Si sou fraca e dominada pelos sentimentos afetivos limitados ao egoísmo da família de sangue – que nem sempre é a nossa família – que nem sempre é a nossa família – não tenho o direito de pregar ou exigir dos outros, aquilo que eu mesma não fui capaz de realizar. Retiro-me. Não me posso fazer agitador e militante.

Nada posso exigir, si não dou exemplo integral.

O segundo caminho é mais íngreme, é mais doloroso, é mais escarpado: coloco os interesses humanos, coloco a minha consciência acima da família, não a acuso nem defendo e reivindico para mim o direito á deserção.

Isolo-me da família e, pelo exemplo, demonstro que vivo individualmente em harmonia comigo mesma e ponho de acordo o pensamento e ação.

Não tenho o direito de impor ou exigir nem da família nem do próximo. Mas, tenho o dever de reivindicar os meus direitos individuais, de ser livre, de desertar, de fugir de todos os detetives morais, cuja missão é dominar, é escravizar – para reduzir à rotina, à imbecilidade, à cretinice e à covardia.

Muitos menos me assiste o direito de formar uma família cuja educação eu descurei, e depois, vir impor o meu pensamento ás famílias dos outros, buscando prosélitos ou exigindo de outros consciências o lema das minhas verdades individuais.

“Cada qual só pode iluminar a si mesmo...” E, antes de exigir d quem quer que seja, eu tenho a obrigação de exigir de mim mesma, cuidando da minha própria realização.

Já é tempo de comemorarmos Ferrer de outros modos. Não se educa com discursos. E, si as Escolas Modernas são fechadas pela policia clerical, cada um de nós tem uma pequena escola moderna dentro do lar e... dentro de nós mesmos.

si a educação do lar falhou. Repito, só há dois caminhos a seguir – si não queremos corar diante dos olhares perfurados das consciências clarividentes.

Ou resignar-se estoicamente em uma retirada honrosa e profunda iluminar-se a si mesmo, desertando da ação social por incapacidade – preparando-se para uma atitude futura mais coerente com as próprias ideias – e escravizar-se ao afeto da família, por fraqueza confessa, ou – desertar da família.

Ninguém tem o direito de impedir que eu me conheça e me realize – para o gesto individual isolado, para a harmonia integral isolado, para a harmonia integral entre o meu pensamento e a minha ação, e a “suprema resistência” ao espírito de autoridade incrustado no subconsciente da família e da sociedade.

E’ comodismo, quase sempre, essa desculpa de que a família não quer seguir a orientação da corrente ideológica que nos parece verdadeira: pode ter sido o nosso descuido, a nossa incúria, o nosso comodismo a causa do desacordo entre o que desejamos e o contraste dos desejos que orientam os nossos filhos.

E, si não temos confiança na educação, em se tratando da nossa família, é estranho que preguemos essa ou aquela educação para as famílias dos outros.

Gandhi acaba de dar ao mundo o mais belo, o mais heroico, o mais eficaz dos exemplos: perguntaram-lhe quais seriam os continuadores da sua obra de “suprema resistência” à reação burguesa-capitalista para a libertação da Índia, Gandhi respondeu: - a minha companheira e os meus filhos. Só assim temos o direito de procurar persuadir a companheira e os filhos dos nossos camaradas. Ou então, desertar...

Sejamos os desertores da família, os desertores sociais, o individualista livre – para pensar e sonhar e viver em harmonia com a nossa própria consciência.

Esperamos sempre que outros façam aquilo que nos dá prazer ou que não fomos capazes de realizar.

E’ utópica a sociedade ideal, sonhada pelos sonhos de equidade, enquanto não tenhamos, nós mesmos, realizado, dentro de nós, esse ideal e essa equidade.

Cada qual pode resolver o milagre de realizar o homem perfeito ou a mulher emancipada que as nossas ilusões criam no tipo futuro das sociedades ideais.

Conhecer-se... educar-se... realizar-se ... Só pode semear quem já colheu de si mesmo.

Para educar, é preciso ter-se educar a si próprio, na tortura gloriosa do domínio das paixões e do espírito de autoridade.

Longe de mim a ideia de exigir a perfeição próxima, si u reconheço todas as minhas fraquezas e todos os meus defeitos, si me envergonho de não ter podido ainda burilar as arestas grosseiras da minha astuta interior e me apresentar em publico digna dos mais altos sonhos de beleza que palpitam dentro de mim.

Mas, quem pode afirmar que a minha vida não tem sido um esforço continuo para me conhecer e para me realizar?

Por isso mesmo, a maior homenagem que podemos prestar a Ferrer, como a todos os apóstolos e mártires do ideal de emancipação humana – pela educação – é a busca interior, é a realização da própria consciência no anseio do conhecimento – para o exemplo da força e do poder por sobre nós mesmo, na escalada de uma consciência sempre mais alta – voltada para o Amor e a Sabedoria.

“Conhece-te a ti mesmo”. Ainda é a divisa do Templo de Delfos.

“Conhece-te a ti mesmo” – “para aprenderes a amar” – é a suprema sabedoria, na escalada suprema em busca dos abismos de luz da nossa consciência profunda.

Cada um de nós tem seu caminho, as suas verdades, e sua vida...

Que cada qual se ilumine a si mesmo e realizará o milagre sem par de iluminar, pelo exemplo, as veredas de todos os jovens corredores da lenda.

Só crio nessa educação...

Só crio nessa revolução...

Livro: Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica - Autora: Maria Lacerda de Moura. Páginas: 81 á 90 - Ano: 1934